

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**O LUGAR DA HERMENÊUTICA BÍBLICA NA FORMAÇÃO  
TEOLÓGICA DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS**

SÉRGIO BATISTA DE OLIVEIRA

GOIÂNIA  
2012

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**O LUGAR DA HERMENÊUTICA BÍBLICA NA FORMAÇÃO  
TEOLÓGICA DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS**

SÉRGIO BATISTA DE OLIVEIRA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião como requisito final para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer

GOIÂNIA

2012

O48l Oliveira, Sérgio Batista.

O lugar da hermenêutica bíblica na formação teológica da Igreja Evangélica Assembleia de Deus [manuscrito] / Sérgio Batista de Oliveira. - 2012

99 f. : il. grafs.

**Bibliografia**

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer.

1. Teologia pentecostal. 2. Igreja Evangélica Assembleia de Deus. 3. Hermenêutica. I. Título.

CDU: 22.06:284(043.3)



Aos pioneiros da Assembleia de Deus na pessoa do Pr. Abigail Carlos de Almeida, que me permitiu experimentar o carisma desse movimento, e refletir sobre suas estruturas eclesiológicas e teológicas, buscando a partir de suas experiências o melhor conhecimento dessa igreja.

Agradeço a Deus pela oportunidade de ser mestre em Ciências da Religião; A minha mãe e família pela força e admiração; Ao Dom José Moura Claros, pela parceria com a ADVENIAT e também junto ao CONIC; A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG; Ao Grupo de Vivência Ecumênico pelo apoio; Ao Professor Dr. Haroldo Reimer, meu orientador pela amizade e cuidado; Aos professores e secretária do Programa em Ciências da Religião – PUC-Goiás; Ao Abinair Vargas pelo apoio e compreensão profissional e aos amigos e colegas pela cumplicidade, cada gesto de todos, contribuíram para essa nova conquista

“Cada um lê com os olhos que tem, a partir  
do lugar onde seus pés pisam o chão”  
Leonardo Boff.

## RESUMO

OLIVEIRA, Sérgio Batista. *O lugar da hermenêutica bíblica na formação teológica da Igreja Evangélica Assembleia de Deus*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

A análise hermenêutica da IEAD tem sido pouco discutida em dissertações e teses que a abordam. Diante disso, nosso objetivo básico é analisar em que consiste a teologia pentecostal presente na IEAD, nos indagando sobre qual o lugar da hermenêutica bíblica na formação teológica da IEAD. Pensando nisso, firmamos aqui uma reflexão sobre este assunto que objetivará compreender a história da IEAD, sua expansão pelo Brasil e inserção no pentecostalismo, contemplando a análise da base hermenêutica que fundamenta a sua teologia. Metodologicamente, construiremos uma análise interpretativa dos estudos escassos desta abordagem que vão desde autores que construíram um exame mais religioso da expansão deste movimento àqueles que aprofundaram suas discussões a partir de uma análise da sua estrutura administrativa, sem deixar de apontar autores que se voltam especificamente para outros movimentos de cunho pentecostal e que embasaram a teologia deste agrupamento religioso. Como resultados obtidos a partir de pesquisas de movimentos anteriores e da própria IEAD destacamos aqui a influência de Pahrman e das teologias presentes entre pietistas, metodistas, montanistas e a teologia da prosperidade, bem como a maneira que o concordismo esteve presente na interpretação literal da Bíblia exercida por este grupo.

Palavras-chave: teologia pentecostal, Igreja Evangélica Assembleia de Deus, hermenêutica.



## ABSTRACT

OLIVEIRA, Sérgio Batista. *O lugar da hermenêutica bíblica na formação teológica da Igreja Evangélica Assembleia de Deus*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012.

A hermeneutic analysis of IEAD (Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Evangelical Church Assembly of God) has been little discussed in dissertations and theses that deal with it. Therefore, our basic objective is to analyze what constitutes the Pentecostal theology present in IEAD, inquiring on what is the place of biblical hermeneutics in the theological formation of IEAD. With that in mind, we reflect here on this subject, aiming to understand the history of IEAD, its expansion in Brazil and its insertion in Pentecostalism, contemplating the analysis of the hermeneutic basis which underlies its theology. Methodologically, we will build an interpretative analysis of the few studies on that approach, ranging from authors who have built a more religious study of the expansion of that movement, to those who have deepened their discussions from an analysis of its administrative structure, while highlighting authors who turn specifically to other movements of Pentecostal nature which formed the basis of the theology of that religious group. As results obtained from research on previous movements and the very IEAD, we highlight here the influence of Pahrām and theologies present among Pietists, Methodists, Montanists and the prosperity theology as well as the way concordism has been present in the literal interpretation of the Bible performed by that group.

Keywords: Pentecostal theology – Assembly of God Evangelical Church - hermeneutics

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>1. A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS: UM APANHADO HISTÓRICO.....</b>	<b>17</b>
1.1 A EXPANSÃO DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO.....	21
1.1.1 A IEAD no Norte Brasileiro.....	21
1.1.2 A IEAD no Nordeste Brasileiro.....	24
1.1.3 A Região Sudeste e a mensagem assembleiana.....	28
1.1.4 A IEAD no sul do Brasil.....	30
1.1.5 A Região Centro-Oeste e a IEAD.....	31
1.2 A CGABD E SUA PRINCIPAL CISÃO: ANÁLISE DO ROMPIMENTO DA CONAMAD.....	33
1.3 ANÁLISE GERAL DA HISTÓRIA DA IEAD.....	35
<b>2. O PENTECOSTALISMO DA IEAD: CONCEITOS E APONTAMENTOS HERMENÊUTICOS.....</b>	<b>40</b>
2.1 OS ESTUDIOSOS DO PENTECOSTALISMO E SUAS CHAVES CONCEITUAIS.....	41
2.1.1 O Pentecostalismo e sua Hermenêutica.....	42
2.3 OS PENTECOSTALISMOS E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	47
2.2 A HERMENÊUTICA COMO ARTE DE INTERPRETAR.....	50
2.2.1 Hermenêutica: uma análise etimológica.....	51
2.2.2 Hermenêutica Fundamentalista e suas formas de legitimação da IEAD.....	52
2.2.3 A Hermenêutica pentecostal.....	54
2.2.3.1 A IEAD e o discurso legitimador da pobreza.....	55
2.2.3.2 A literalização literal da Bíblia na IEAD.....	57
2.3 CONSIDERAÇÕES INTERMEDIÁRIAS.....	58

<b>3.</b>	<b>TEOLOGIA PENTECOSTAL NA IEAD: INFLUÊNCIAS E MUDANÇAS.....</b>	<b>62</b>
3.1	A GLOSSOLALIA EM MOMENTOS ANTERIORES: APROXIMAÇÕES DO COMPORTAMENTO DA IEAD.....	63
3.2	A IEAD E SUAS VÁRIAS COSMOVISÕES TEOLÓGICAS.....	67
3.2.1	A teologia da prosperidade na IEAD.....	69
3.3	NOVOS ESPAÇOS ADQUIRIDOS PELAS MULHERES NA IEAD: O CASO DE FRIDA VINGREN.....	72
3.3.1	Ordenação da mulher: novos debates, novas convenções.....	78
3.4	A TEOLOGIA PENTECOSTAL: UMA VISÃO GERAL.....	81
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>85</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>92</b>

## INTRODUÇÃO

A presença evangélica no Brasil assume um novo perfil no início do século XX, com as denominações pentecostais, que cresceram graças a uma estratégia de evangelização direcionada para comunidades que experimentavam o catolicismo popular, as religiosidades ameríndias e os cultos afro-brasileiros.

Há, neste contexto, uma pluralidade religiosa que compõe o imaginário<sup>1</sup> cultural brasileiro. Os evangélicos pentecostais, de maneira geral, se opuseram a esse caldeirão de religiosidades, demonizando<sup>2</sup> cada uma delas.

Tradicionalmente, a teologia da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD) é formulada à luz do Espírito Santo, no confronto com a leitura da Bíblia. Porém, na atualidade, têm se verificado transformações com influências culturais diversas.

A IEAD teve suas origens no estudo da Bíblia, que foi o recurso de estudo e a fonte de inspiração para o formato pentecostal, supostamente fundamentado no capítulo 2 do livro de Atos, a partir do início do movimento pentecostal. O seu crescimento missionário teve como fundamento o livro de Atos pelos exemplos nele contido de expansão do cristianismo, com as viagens missionárias de Paulo e as perseguições do império romano. Como o crescimento da igreja se deu, no início, dentro de uma comunidade dominada pelo catolicismo, surgiu à visão antinacionalista<sup>3</sup>. Como igreja, ela se opunha a todo o contexto social e cultural do Brasil, buscando se pautar pelo puritanismo. Para fortalecer esse discurso, o método fundamentalista de interpretação bíblica, que surge no final do século XIX como movimento antimodernista, e se pauta pela inerrância da bíblia e pela literalização de alguns textos, foi o instrumento que mais contribuiu para esse formato de Igreja.

Pelo fato da igreja ter nascido entre pessoas da periferia e excluídas socialmente e que dispunham de poucos recursos intelectuais, a forma mais eficaz de difusão da mensagem da IEAD foi, durante décadas, a oralidade. O mesmo

---

<sup>1</sup> O imaginário é aqui compreendido como “um sistema de idéias e imagens da representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. (PESAVENTO, 2008, p.43).

<sup>2</sup> Conforme Bittencourt Filho (2003) e SOUZA (2009) a demonização do outro se dá quando não se aceita a sua crença e, com isso, o seu culto é estigmatizado como algo negativo, ou seja, como demoníaco. No caso da IEAD essa característica é bastante frequente em todos os lugares do país como veremos com mais detalhes no segundo capítulo.

<sup>3</sup> O termo aqui não se trata, de se opor à existência do Brasil como nação, mas apenas de opor-se a algumas características culturais dessa nação, impregnadas de valores católicos.

também ocorreu com a teologia, os usos e os costumes. Para uma mensagem persuasiva, se deu crédito à revelação, associada à leitura bíblica, como fonte de conhecimento. Para a IEAD, Deus fala por meio da revelação da Bíblia ao pregador. O processo interpretativo, no qual a teologia tem se fundamentado, se dá segundo estes três eixos: origem social dos membros da IEAD, oralidade como forma de difundir sua mensagem, autenticidade da mensagem garantida pela revelação divina da compreensão do texto bíblico.

A presente dissertação tem como objetivo analisar hermeneuticamente a IEAD. Como objetivos específicos temos o de compreender a sua história observando como se expandiu no Brasil, observar a sua inserção no movimento mais amplo do pentecostalismo, bem como a hermenêutica pentecostal e, por fim, analisar a base que fundamenta a teologia pentecostal, observando os movimentos teológicos anteriores à IEAD para definir suas especificidades.

A motivação para esta análise se deu na ausência de teses e dissertações que caminhem neste sentido, pois grande parte delas se volta para uma igreja específica, fazendo pesquisa de campo, como, Silva (2003); Santos (2008), Sousa (2010), ou apenas escolhe um documento para ser analisado, Rodrigues (2009); D'Ávila (2006); Plácido (2008); Carreiro (2007), ou ainda observa sua estrutura administrativa, Lopes, (2008); Lira, (2008); Mello (2010). Contudo, cada uma dessas teses e dissertações auxiliará a construção de nossa análise, já que é necessário percebermos cada um desses detalhes observados por outros autores, sem perdermos o foco que é a análise hermenêutica do movimento pentecostal.

Movido ainda pela vivência religiosa no seio dessa instituição e pela busca por conhecê-la enquanto fenômeno religioso, usamos o estudo hermenêutico como principal ferramenta para interpretar a estrutura de pensamento dessa instituição. O presente trabalho terá uma grande relevância para a nossa atuação pessoal nesta instituição e para o entendimento de sua teologia, uma vez que ela é de modo geral, muito fragmentária e panfletária com sua teologia e se comunica quase sempre a partir do aspecto devocional.

Metodologicamente, a análise dos autores que discorrem sobre a história da IEAD, como parte do movimento pentecostal e, também, sobre a teologia e a hermenêutica pentecostal que fundamentam esse movimento será primordial para concretizar este estudo.

Em seguida, identificaremos, a partir dos principais dados colhidos por esses pesquisadores, a história e as principais características da IEAD e de sua teologia, permitindo a partir delas uma análise hermenêutica de todas essas fontes.

Além disso, há a necessidade de se realizar um estudo sobre as principais correntes da história do cristianismo anteriores ao pentecostalismo a fim de observarmos as similaridades relevantes e os distanciamentos entre eles e a IEAD.

Para estudar a história da IEAD, há inicialmente um grande número de autores a serem consultados a fim de que se consiga absorver por parte de seus estudos, os resultados de suas pesquisas como também de suas abordagens acerca dessa instituição centenária.

Assim, em Street (2006) constata-se um estudo voltado para o avivamento de Azusa, que merece destaque pela maneira como expressa seu interesse pela obra missionária entre outros povos. Segundo essa obra, cada pessoa que tinha a experiência pentecostal transformava-se também em um missionário. Nessa abordagem religiosa, considera-se que foi pela legitimação vocacional de cada membro que a teologia pentecostal chegou ao Brasil e se tornou o maior movimento pentecostal em todo o mundo.

Também numa abordagem devocional, Oliveira (1980) faz uma reflexão baseada no capítulo 2 do livro de Atos, destacando que foi a partir de Jerusalém que quase 120 discípulos, segundo a Bíblia, receberam o batismo no Espírito Santo. Em seguida, trazendo uma mensagem religiosa e apologética, afirma que, ao longo da história do cristianismo, pode-se considerar que o pentecostes nunca deixou de existir. Além disso, o autor tem sua relevância por levar o leitor a conhecer os movimentos que culminaram no pentecostalismo moderno no mundo e a chegada desse movimento ao Brasil.

Numa abordagem panorâmica sobre pessoas, igrejas e instituições, Araújo (2007) apresenta a história cronológica das Assembleias de Deus, seus pioneiros e líderes. Além disso, o autor traz definições e expressões de temas voltados para o pentecostalismo, bem como a sua história em vários países como, por exemplo, nos Estados Unidos, que mais influenciaram a igreja pentecostal brasileira. Também é destacada por Araújo (2003) a síntese histórica das principais denominações pentecostais no Brasil e no mundo.

A partir de Croatto (1994) e de Palmer (2011), compreendendo a hermenêutica como arte de interpretar, a base de toda nossa análise será uma

interpretação do discurso pentecostal e da maneira como ele fundamenta o contexto de um grupo específico, a IEAD, na busca pela interpretação literal<sup>4</sup> da Bíblia.

Compreende-se que a IEAD se caracteriza por ser uma religião de periferia e porque os pastores assim agiam para tornar a Bíblia mais acessível para as pessoas. A oralidade dessa denominação faz com que não tenhamos acesso ao referencial de sua base, e como também reproduz discursos de outras denominações e suas teologias, não conseguimos captar o que seria a sua teologia e de que forma seu discurso está pautado numa lógica comum a todos.

Partindo dessa interpretação, observaremos especificamente a hermenêutica pentecostal, ou seja, a maneira como ela encara o discurso da Bíblia em uma lógica fundamentalista e com um discurso concordista, segundo Ferreira (2009). Isso nos permitirá observarmos atentamente a maneira própria como os pentecostais interpretaram-na e qual foi a base de seu discurso.

Tendo em vista que a hermenêutica da IEAD é pautada também no fundamentalismo, não se pode deixar de analisar tal movimento segundo os autores que o trabalharam conceitualmente. Boff (2002) amplia a compreensão do tema, passando do islamismo às demais religiões e se voltando ainda para estudos referentes à economia, a política e a cultura. Como também o faz Dreher (1996).

Outro autor que também traz uma relevante contribuição para esta pesquisa é Oro (1996) por traçar um panorama dos principais movimentos de cunho fundamentalista a partir de uma explicação sociológica, sem separar a análise empírica da discussão teórica.

Além disso, a partir de Berg (1987), percebe-se, pelos relatos das convenções, como os princípios da pós-modernidade estão adentrando as igrejas, alterando a teologia, os ensinamentos, a forma do discurso e o método fundamentalista utilizado para a compreensão e o ensinamento da Bíblia junto aos fieis na IEAD. Do mesmo modo, Almeida (2007) também demonstra que outras correntes teológicas e filosóficas têm influenciado a mudança hermenêutica fundamentalista da IEAD.

Reimer [s.d.] em seu *paper* “Pautas Hermenêuticas” aborda o tema do fundamentalismo pontuando a relação conflituosa com o racionalismo, a forma de

---

<sup>4</sup> Diz respeito à forma que os assembleianos tendem a analisar algumas perícopes bíblicas sem contextualizá-la.

resistência à modernidade e a busca por estratégias de luta na ocupação do poder denominacional.

É fundamental definirmos ainda o conceito de revelação que, para Croatto (1994), diz respeito ao entendimento do texto bíblico como provindo de inspiração divina. Essa afirmação não leva em consideração o processo de interpretação do texto. Contudo, entre os pentecostais, a lógica da revelação vai além, pois diz respeito a uma interpretação da Bíblia a partir da vida dos fieis, trazendo respostas para suas dores e buscando atender suas principais necessidades.

Por pentecostalismo, compreende-se a ênfase na terceira pessoa da Trindade, ou seja, o Espírito Santo. O capítulo 2 do livro de Atos fundamenta esse discurso. O pentecostalismo é aqui visto sob o olhar de Freston (1994), que divide esse movimento em três ondas. A primeira onda data de 1910-1950 e inclui a IEAD e a Congregação Cristã. A segunda onda diz respeito a um processo de fragmentação sofrido por esse movimento (1950-1970), que provoca o surgimento da Igreja Evangélica Quadrangular, da Igreja Brasil para Cristo e da Igreja Deus é Amor, cuja ênfase estava na cura divina e na utilização dos meios de comunicação de massa. Como terceira onda, o autor destaca as igrejas neopentecostais (de 1970 até os dias atuais), cuja ênfase está na prosperidade e no exorcismo, e que tem como expressão mais visível a Igreja Universal do Reino de Deus.

A partir de uma análise teórica do termo 'hermenêutica', da hermenêutica pentecostal e do próprio pentecostalismo, traremos uma análise dessa teologia embasada em um processo de construção e reconstrução pautado na base do discurso pentecostal e nas principais influências por ele sofridas.

A hipótese levantada neste trabalho é que a teologia da IEAD sofreu várias influências de outros movimentos, mas que tem suas especificidades. É difícil analisá-la, pois ela traz ainda consigo as circunstâncias do cotidiano dos crentes e a interpretação literal da Bíblia numa ótica concordista, que não apenas analisa a Bíblia na lógica da revelação, mas a faz dialogar com a lógica do cotidiano.

A comprovação dessa hipótese só será possível mediante uma análise cautelosa das dissertações e teses dedicadas ao discurso pentecostal, e um estudo profundo da história do cristianismo nas suas várias denominações.

Enfim, o primeiro capítulo desta dissertação, consiste numa apresentação e análise da história da IEAD no Brasil, destacando sua chegada, expansão e modificações. No segundo capítulo, observaremos a IEAD como parte do movimento



pentecostal com seus conceitos e apontamentos hermenêuticos. No terceiro capítulo, analisaremos a teologia pentecostal assembleiana e suas influências e mudanças nesse primeiro século de história, observando suas proximidades com movimentos anteriores ao seu e apontando também para a suas especificidades.

## 1. A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS: UM APANHADO HISTÓRICO

Na abordagem do capítulo inicial trataremos à tona a história da IEAD destacando a forma que ela se expandiu paulatinamente pelo Brasil. Este estudo dará base para a compreensão cronológica da expansão dessa instituição religiosa e permitirá ainda a visualização de como este grupo contou com o auxílio de vários missionários que dispostos a levar a mensagem do evangelho para aqueles que encontravam e, principalmente, para seus familiares, participaram ativamente de suas missões.

O movimento pentecostal moderno teve início no dia 14 de abril de 1906 na Azusa Street em Los Angeles California, nos Estados Unidos da América em um prédio que fora da Igreja Metodista Episcopal Africana. Esse movimento foi liderado por William Joseph Seymour, pregador afro-americano que no passado estudou no castelo de pedra com Charles Fox Parham (pai da teologia do batismo no Espírito Santo) (FREESTON, 1994; MARIANO, 1999).

Após uma experiência com o pentecostalismo *holiness* nos Estados Unidos e uma formação teológica pautada pela teologia do pentecostalismo de cunho fundamentalista, motivados por uma profecia, os missionários Daniel Berg e Gunar Vingren chegaram a Belém do Pará, no ano de 1910, onde foram acolhidos por um seminarista da Igreja batista. Frequentando e ministrando estudos bíblicos naquela igreja sobre a teologia pentecostal (CAMPOS, 2005). A respeito desses dois missionários, Carreiro (2007, p.185) afirma que:

Ambos (Daniel Berg e Gunnar Vingren) eram oriundos de uma igreja batista nos Estados Unidos, mas tinham passado por experiências religiosas pentecostais como a glossolalia. Sua vinda para o país foi fruto de uma revelação, onde uma fiel da igreja que afirmou que eles deveriam fazer um novo trabalho em uma cidade chamada Belém. Ambos saíram de Chicago para a cidade portuária de Nova York e de lá pegaram um navio para o Brasil no dia 5 de novembro de 1910. No dia 19 de novembro do mesmo ano, desembarcaram em Belém do Pará.

Observando a descrição de Carreiro (2007), constatamos que a própria ida deles para o Pará está arraigada em um discurso religioso, uma vez que foi fruto de

uma revelação. Além disso, percebe-se que eles estavam totalmente motivados a pregar a sua teologia, já que haviam passado pela experiência religiosa da glossolalia<sup>5</sup>. Assim, é a experiência religiosa que motiva os missionários a seguir adiante sua missão com ardor<sup>6</sup>.

Os ensinamentos dos missionários, contudo, foram contestados pelo seminarista. Tal fato marcou o início do movimento que ficou conhecido apenas a partir do ano de 1918 como IEAD.

Descrevendo esse início do movimento, Almeida (2007, p.35) comenta “Com o nome inicial de Missão de Fé Apostólica (18/06/1911 a 11/01/1918) as Assembleias de Deus tiveram seu primeiro culto oficial no dia 18 de junho de 1911 na casa do Irmão Henrique de Albuquerque, que morava na Rua Siqueira Mendes, 79, Bairro Cidade Velha.”

A maneira persistente com que eles se motivavam a se reunir nas casas nos faz observar como essa experiência religiosa tocava as pessoas de origem humilde que agregavam consigo novos convertidos a partir do testemunho de fé.

O primeiro batismo no Espírito Santo<sup>7</sup> do qual se tem conhecimento foi o de Celina de Albuquerque, que era de origem humilde, como a maioria das pessoas que se converteram posteriormente a esse movimento. Conforme alguns estudiosos<sup>8</sup>, a maneira com que Celina de Albuquerque foi batizada no Espírito Santo transformou tal batismo em marco para essa igreja. Contudo, o batismo no Espírito Santo não é regra para a IEAD, já que nem todos os membros são batizados.

Apesar de não ser regra para a IEAD o batismo no Espírito Santo, certamente, era motivo de grande alegria e possivelmente as pessoas que passavam por ele se sentiam motivadas diante do contato com o sagrado.

É consenso entre muitos estudiosos<sup>9</sup> que o movimento buscou extrair da Bíblia, por meio da hermenêutica fundamentalista, a mensagem que melhor se aplicava à necessidade das pessoas nas mais diferentes regiões onde a IEAD buscou se estabelecer. Segundo alguns autores, a pregação estava, na maioria das

<sup>5</sup> Compreende-se glossolalia no pentecostalismo como o ato de falar em línguas estranhas.

<sup>6</sup> Para os membros da IEAD, o texto de Mateus 24, 49, menciona Jesus prometendo o consolador e este viria com revestimento de poder, assim sendo o pentecostal interpreta que se encontraria capacitado a missão evangelística, após o recebimento do batismo com o Espírito Santo.

<sup>7</sup> Para os pentecostais o batismo no Espírito Santo diz respeito ao fenômeno glossolálico manifesto.

<sup>8</sup> Dentre os estudiosos que falam sobre o batizado no Espírito Santo de Celina de Albuquerque estão: Mello (2010), Berg (1987) e Silva (2003).

<sup>9</sup> Veja-se: Baptista (2007), Albano (2010) e Majewski (2010).

vezes, pautada no lema “Jesus salva, cura e batiza com o Espírito Santo”.

Assim, a IEAD une um discurso soteriológico, ao afirmar que Jesus aquele que salva, e a cura tão buscada pelos fiéis a partir do sagrado, com aquilo que lhe é mais particular, ou seja, o batismo no Espírito Santo.

Algumas pessoas encontraram na mensagem da IEAD um sentido para suas vidas, uma vez que grande parte dos convertidos encontrava-se anteriormente em visível estado de anomia<sup>10</sup>. Isso se justifica pelo fato de que o pentecostalismo atingiu pessoas simples que adquiriram funções na igreja e passaram a considerar Jesus como aquele que é capaz de salvar e curar e o Espírito Santo como aquele que batiza no fogo.

No que diz respeito ao contexto histórico do pentecostalismo, em Street (2006), constata-se um estudo voltado para o avivamento de Azusa Street que merece destaque pela maneira como expressa seu interesse pela obra missionária entre outros povos. Nessa abordagem religiosa, considera-se que foi dessa maneira que a teologia pentecostal chegou ao Brasil e se tornou o maior movimento pentecostal em todo o mundo.

A oralidade tão presente nessa igreja e a busca pela conversão de novos indivíduos por aqueles que acreditavam ter conhecido a verdade e conseqüentemente sintam a necessidade de fazer missão justifica a visão religiosa de que os próprios novos convertidos foram propagadores do evangelho.

Também numa abordagem religiosa, Oliveira (2003) afirma que ao percorrer a história do cristianismo, pode-se considerar que o Pentecostes nunca deixou de existir. Além disso, o autor se destaca os movimentos que culminaram no pentecostalismo moderno no mundo e sua chegada ao Brasil.

Araújo (2007) propõe uma visão histórica e cronológica das Assembleias de Deus, seus pioneiros e líderes. Além disso, o autor traz definições e expressões de temas voltados para o pentecostalismo, bem como a sua história em países como os Estados Unidos que mais influenciaram a igreja pentecostal brasileira. Também é

---

<sup>10</sup> O conceito de anomia é aqui considerado como uma ausência total de regras. Assim, uma pessoa em estado de anomia é aquela que se encontra com uma vida considerada desregrada do ponto de vista religioso e que, após ter contato com a religião, passa a experimentar uma vida cercada de regras que dão sentido para sua existência, ou seja, deixam seu estado de anomia, adquirindo nomia. No caso específico da IEAD, as pessoas que se convertiam tinha anteriormente uma religião, porém a radicalidade deste movimento no que diz respeito aos usos e costumes fez com que estes adquirissem um sentido diferenciado para suas vidas (cf. BERGER, 1985).

destacada por Araújo (2007), a síntese histórica das principais denominações pentecostais no Brasil e no mundo.

A partir dos três autores supracitados percebe-se que é comum, entre os autores religiosos, a ênfase no batismo no Espírito Santo e, concomitantemente, a utilização de uma explicação romanceada de como esta igreja chegou ao Brasil.

O discurso desses autores revela uma tentativa de mitificar a história da instituição. Tal mitificação<sup>11</sup> e reescritura romanceada<sup>12</sup> precisam ser abordadas criticamente, a fim de que se observem as chaves conceituais que permitem ao pesquisador compreender o que está posto nas entrelinhas do discurso e como de fato o pentecostalismo, e especificamente a IEAD, se insere no Brasil e no mundo.

No que diz respeito à mentalidade da IEAD, Mello (2010, p. 52) afirma:

A mentalidade das Assembleias de Deus carrega as marcas dessa dupla origem: da experiência sueca das primeiras décadas do século, de marginalização cultural, e da sociedade patriarcal e pré-industrial do Norte/Nordeste dos anos 30 a 60.

As roupas típicas dos suecos introduzidas no território brasileiro unidas à sociedade patriarcal do Norte e Nordeste nos anos 30 e 60, em um cenário pré-industrial nos dão uma ideia geral do cenário da época e das adequações necessárias que a instituição teve que sofrer no decorrer dos anos.

A princípio, pode-se ressaltar que, no início do pentecostalismo clássico, a IEAD possuía características de seita, ou seja, era um grupo que buscava a separação em relação ao mundo e não se importava com a pouca quantidade de fiéis que o seguiam, mas com o empenho de seus membros em seguir sua teologia (HERVIEU LEGER, 2008). Diante disso, era comum o culto fechado, a busca pela santidade, a separação da sociedade e a mudança de vida.

Assim, a pregação da IEAD levou um expressivo número de pessoas à conversão a essa instituição, e a algumas mudanças no seu comportamento social. Além disso, pode-se verificar que, para os líderes da IEAD, a conduta anterior à

---

<sup>11</sup> O caráter mítico diz respeito à forma como os estudiosos criaram narrativas em torno da realidade de caráter simbólico no qual se ressaltava milagres proporcionados pela conversão.

<sup>12</sup> A reescritura romanceada aqui mencionada diz respeito ao caráter poético daqueles que escrevem sobre a IEAD, baseados geralmente em testemunhos de vida e exemplos miraculosos sem realizar uma perspectiva crítica sobre a realidade em questão.

conversão dos fiéis não era adequada para um cristão ou uma cristã. Diante disso, nos discursos dos pregadores, os crentes eram constantemente incentivados a ter uma mudança radical de vida.

Contudo, é válido ressaltar que o Brasil tem as suas especificidades, que precisam ser analisadas historicamente para que possamos compreender de que maneira a IEAD conseguiu adentrar em todas as regiões do país em um curto espaço de tempo.

## 1.1 A EXPANSÃO DA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

Após o ano de 1948, a presença da IEAD já era realidade em todas as regiões do país. Sabendo que a evangelização variou conforme a região, faremos uma descrição de cada uma delas, apontando para os principais fatos que circundaram a chegada da IEAD na região e as especificidades de cada Estado.

### 1.1.1 A IEAD no Norte brasileiro

No norte do país, por onde tinha entrado no país, a IEAD estava representada por Daniel Berg e Gunnar Vingren, e foram eles que realizaram cultos em localidades do Pará e passaram a evangelizar lugares não tão próximos, ocupando-se especialmente das ilhas circunvizinhas (BERG, 1987). Com relação aos primeiros anos de missão da Assembleia de Deus, Almeida (2007, p. 37) observa:

Nos primeiros dois anos de existência, o grupo pentecostal liderado pelos suecos dedicou-se a evangelizar o estado do Pará, que foi, praticamente, o único beneficiado. Daniel Berg cuidou de transmitir a pregação seguindo a estrada de ferro de Bragança e desenvolvendo o trabalho de colportagem, que consistia em vender Bíblias, Novos Testamentos e outros livros, além de falar do Evangelho.

A partir de Almeida (2007), temos uma noção dos recursos utilizados para falar do Evangelho, ou seja, a venda de Bíblias, Novos Testamentos e outros livros, o que nos faz perceber que os missionários não se limitavam à pregação e que a Bíblia e livros religiosos foram importantes recursos utilizados para incentivar os crentes a seguirem aquilo que era pregado com veemência.

Em 1916, o Amapá contou com a presença do colombiano Clímaco Bueno Aza, convertido no interior do Pará em 1913. Para sua missão, ele se utilizou de Bíblias, folhetos e Evangelhos, mas sofreu perseguições por causa do pároco local que, estimulando pessoas contrárias ao pregador, queimaram em praça pública as suas Bíblias (CONDE, 2000).

A análise de Conde (2000), além de confirmar que o recurso da Bíblia e de outros livros no Amapá também foi algo recorrente, nos faz perceber que nem sempre a relação entre católicos e evangélicos foi amistosa, tendo em vista que o colombiano sofreu perseguição do pároco local. A disputa pela oferta religiosa já existia nesse período e a presença de uma nova denominação religiosa incomodava o líder religioso. A intolerância católica levou as pessoas a queimar ingenuamente as Bíblias, apesar das pouquíssimas diferenças que tinham em relação à Bíblia católica. A rejeição do diferente, e aqueles que demonizavam a fé católica, comportamento muito presente entre os pentecostais, fazia com que existisse esse radicalismo por parte dos católicos em relação aos evangélicos. Assim, percebe-se uma ausência de aceitação de ambas as partes. Isso se justifica ao considerarmos, como Terrin (2004), que cada religião possui uma lógica interna e como a rejeição ocorre entre realidades distintas até mesmo na mesma denominação.

Diante desse cenário de intolerância religiosa, o estabelecimento da primeira Igreja Evangélica Assembleia de Deus coube a José de Matos Caravela no ano de 1917 e, mesmo diante das perseguições, sucessivas conversões ocorreram, acompanhadas pelo batismo no Espírito Santo (CONDE, 2000).

A perseguição enfatizada pelo autor nos faz perguntar se esta não vinha de ambas as partes, uma vez que quem analisa a IEAD observa como ela se mantinha totalmente contrária ao catolicismo e como apenas a conversão das pessoas seria sinal de sua salvação. Assim, aqueles que não faziam parte dessa realidade eram quase sempre demonizados e vistos como destinados ao inferno. Diante disso, o

cenário religioso mostrava-se bastante conturbado pela rivalidade existente entre as denominações (D'AVILLA, 2006).

O Amapá, que estava ligado politicamente ao Pará naquela época, esteve por muitas décadas sob a liderança da Igreja de Belém. Com relação aos ministros pioneiros do Amapá, podem-se destacar Daniel Berg, Samuel Nyström, Nels Nelson, Crispiniano Melo, José Moraes, Vicente Rêgo Barros e Otoniel Alves de Alencar (BERG, 1987).

No estado do Amazonas, as primeiras pregações da IEAD ocorreram no ano de 1917 por meio de Severino Moreno de Araújo, que enfrentou longas viagens de barco para chegar a Manaus e, depois de vários meses, voltou ao Pará a fim de solicitar mais obreiros. Assim, em janeiro de 1918, o casal Samuel e Lina Nyström seguiu para o Amazonas e fundou oficialmente a IEAD (BERG, 1987).

A forma com que eles enfrentavam dificuldades, viajando de barco para chegar ao local, nos faz observar a perseverança que tinham para propagar o Evangelho, mediante a fé naquilo que eles professavam, ou como adquiriam meios de sustento para se manterem em suas missões a partir do dízimo dos crentes após a fundação das igrejas.

Para Silva (2003), a crise da borracha e as dificuldades de adaptação ao mercado incipiente da indústria fizeram com que a busca por soluções mágico-religiosas fossem consideradas saídas possíveis. Assim, a conversão à IEAD nesse local se explica pela oferta religiosa de salvação, cura e revigoramento a partir do Batismo no Espírito Santo.

Em Rondônia, a atuação pioneira foi a do missionário norte-americano Paul John Aenis, que fundou a primeira congregação, na qual batizou os novos convertidos. Isso se deu após os conselhos de Daniel Berg e Gunnar Vingren, com quem conviveu por meses antes de seguir para a missão no ano de 1922, contando com a presença de João Marcelino (ALMEIDA, 1987). Assim, constata-se que o carisma exercido pelos primeiros líderes religiosos<sup>13</sup> foi fundamental para a formação de novos convertidos que atuassem no campo missionário e que convertessem outras pessoas.

---

<sup>13</sup> O' Dea (1989), para explicar sobre a formação de uma instituição religiosa, traz à tona a crise de continuidade instalada em uma organização religiosa ao morrer o líder carismático. Para ele, o carisma puro só existe no processo de origem. Assim, na origem da IEAD, certamente seus primeiros líderes eram portadores de um carisma e carregavam consigo o fato de serem os fundadores dessa instituição.



No Acre, há escassos registros, mas sabe-se que o início da missão ocorreu em sua antiga capital, Cruzeiro do Sul, e que um de seus pioneiros foi Manoel Pirabas, que esteve por lá no ano de 1932 (ALMEIDA, 1987).

Roraima foi o último estado do Norte que contou com a presença dos membros da IEAD e um de seus primeiros pregadores foi Cordulino Teixeira Bastos e sua família, no ano de 1915, seguido de Vicente Pedro da Silva e, no ano de 1946, do pastor Quirino Pereira Peres, que foi enviado pelo líder da igreja em Belém, Nels Nelson. Assim, a data oficial de sua fundação é 9 de setembro de 1946 (BERG, 1987).

Observando as missões no Norte, percebemos que houve alguns intervalos e que nem todo ano foram suscitados novos missionários a trabalharem nessa região. Contudo, é importante destacar que muitos deles foram atraídos para outras regiões do país como o Nordeste.

#### 1.1.2 A IEAD no Nordeste brasileiro

A região do Nordeste foi um local no qual os assembleianos tiveram grandes dificuldades para atuar, em razão de perseguições corriqueiras e até de assassinatos. A presença de pessoas que não estavam no ministério pastoral, mas que se dispunham a evangelizar nesses lugares foi frequente (BERG, 1987).

No Ceará, a pregação assembleiana começou no ano de 1914, com Maria de Jesus Nazareth, que foi a segunda pessoa do país a ser batizada no Espírito Santo. O objetivo da religiosa era o de levar a mensagem evangelística para os seus parentes que moravam no atual município de Itapagé; como eles não deram atenção para sua pregação, ela foi até a Igreja Presbiteriana Independente que era liderada por Vicente Sales Bastos. Assim, essa igreja se tornou a primeira IEAD do Ceará (CONDE, 2000). Por ser ela a segunda pessoa a ser batizada no Espírito Santo, seu testemunho de vida conseguiu atingir pessoas que já estavam inseridas nas Igrejas pentecostais. Contudo, seus parentes, certamente já tinham um universo simbólico consistente e não se comoveram com sua pregação.

No ano de 1922, foi enviado de Belém o pastor Antônio do Rêgo Barros, que começou a obra em Fortaleza. Posteriormente, a Igreja-mãe<sup>14</sup> enviou Bruno Skolimowski (ALMEIDA, 1987). Observando as substituições entre os crentes, percebe-se a tentativa de fazer com que cada local contasse com a presença de um missionário. Assim, a ânsia por trazer representantes da instituição de maneira entusiástica fez com que a IEAD estivesse em constante crescimento, já que o zelo missionário fazia com que cada um deles se mantivesse ansioso por pregar o evangelho onde quer que fosse enviado, sempre interpretando a Bíblia literalmente.

Conforme o livro de atas das reuniões oficiais da Assembleia de Deus em Belém, na data de 13 de outubro de 1931, a respeito de uma reunião sob a liderança de Nels Nelson, consta a seguinte informação: “Expôs o nosso pastor irmão Nels J. Nelson que havia necessidade da igreja continuar auxiliando o trabalho em Fortaleza - Ceará, depois da saída de nosso Irmão Antônio Barros, ao irmão que ficava ali naquele campo, Julião Silva”. O Pastor Trajano, ao se voltar para o trabalho desenvolvido na serra de Uberatema, no atual município de Itapagé, ficou bastante decepcionado pela dispersão dos crentes e convocou o Irmão Gonzaga, líder local, para reorganizar a obra (BERG, 1987).

A preocupação dos membros da IEAD com a dispersão dos crentes nos faz observar que, em momentos de dificuldades, a busca de novos membros era constante. A presença de missionários movidos pela crença no batismo no Espírito Santo, na salvação em Jesus Cristo e na possibilidade de curar os indivíduos foi certamente o motor para que novas pessoas reorganizassem os locais que estavam em situação de fragilidade (ALMEIDA, 1987).

O estado de Alagoas contou com a visita de Gunnar Vingren no ano de 1914 e, no ano posterior, veio a este local o missionário Otto Nelson, acompanhado de sua esposa Adina, que foram enviados pela Igreja de Belém. Ali, algumas pessoas foram batizadas no Espírito Santo, apesar de haver grandes perseguições por parte do pároco local que tentou impedir Otto de enterrar seu filho<sup>15</sup>, sem obter sucesso. O primeiro templo foi inaugurado no ano de 1922, marcando a obra pentecostal no Nordeste, no Estado de Alagoas. (CONDE, 2000).

---

<sup>14</sup> A Igreja-Mãe aqui mencionada diz respeito à primeira instituição que recebeu o nome dessa denominação em Belém do Pará.

<sup>15</sup> Em algumas partes do Brasil os cemitérios estava sob a jurisdição da Igreja Católica sendo proibido por alguns párocos o sepultamento dos novos membros da IEAD. A importância de se fazer menção a este fato é mostrar a presença da intolerância religiosa entre católicos e pentecostais no Nordeste Brasileiro.

Novamente constata-se, como no Norte, a profunda rivalidade pelo campo religioso entre os líderes católicos e assembleianos. As agressões e perseguições sofridas pelos evangélicos se explicam pela tentativa de manter o espaço religioso e pela intolerância com o diferente. Como já afirmamos anteriormente, acreditamos que tal intolerância era comum a ambos os universos religiosos (BERG, 1987).

Pernambuco foi o quarto estado a receber a missão pentecostal, se levarmos em consideração a ordem de instalação. A pregação nesse local foi iniciada no ano de 1916 por Adriano Nobre, que encontrou alguns crentes de outras denominações que demonstraram interesse pelo avivamento. Os primeiros batismos de Pernambuco ocorreram às margens do rio Capibaribe, no ano de 1917, seguidos do batismo no Espírito Santo (ALMEIDA, 1987).

Assim, observa-se como em cada um dos locais visitados, a marca era o batismo no Espírito Santo que vinha ou antes, ou depois do batismo nas águas. Considerando o batismo como um rito de passagem<sup>16</sup>, pode-se considerar que para o pentecostal o batismo no Espírito Santo, com o elemento marcante do dom de línguas certamente faz parte de outro rito de passagem muito particular da realidade pentecostal, que cada missionário fazia questão de enfatizar em cada local visitado (CONDE, 2000).

No Rio Grande do Norte, a pregação teve início a partir do momento em que algumas famílias voltaram de Belém por volta do ano de 1916. Entre as famílias que lá estiveram destaca-se o casal Antonio Felipe Bezerra e Luiza Bezerra, que estavam ansiosos por testificar perante seus parentes. Diante do crescimento do número de pentecostais nesse local, foi solicitado mais um missionário. Por isso, Gunnar Vingren enviou o pastor Adriano Nobre no ano de 1918. Os primeiros crentes foram batizados no rio Potengi, junto à ponte de Igapó (BERG, 1987).

A vontade de testificar a fé pentecostal perante parentes nos faz perceber a fé na salvação somente possível pelo conhecimento do evangelho, fé que certamente gera intolerância para com outras denominações religiosas, já que quem se considera único dotado de salvação tende comumente a demonizar as demais religiões, gerando um cenário de intolerância e de sofrimento (ALMEIDA, 1987).

---

<sup>16</sup> Os ritos de passagem são processos sociais que marcam uma mudança radical de vida. O batismo é assim considerado por marcar a inserção de um indivíduo em uma dimensão religiosa (VAN GENNEP, 1978)

Na Paraíba, apesar dos poucos relatos existentes sobre o início das pregações, pode-se lembrar a presença do paraibano Manoel Francisco Dubu (irmão Dubu), considerado como o primeiro brasileiro a receber o batismo no Espírito Santo, que voltou do Pará à sua terra natal em 17 de dezembro de 1914, levando consigo a pregação pentecostal (BERG, 1987).

A ânsia por pregar o Evangelho fazia com que as pessoas sentissem orgulho de se deslocar de sua terra natal e pregar em outros lugares, fato que nos faz compreender a maneira com que o discurso religioso serviu de motor para que a formação de Igrejas da Assembleia de Deus se propagasse tão rapidamente pelo país.

No Maranhão, as primeiras pregações assembleianas foram realizadas por intermédio do pastor colombiano Climaco Bueno Aza, que atuara também no Amapá. De acordo com relatos de Gunnar Vingren em seu livro “Caixa”, Belém levantou uma considerável oferta de 106 mil réis no dia 10 de março de 1921 para essa viagem missionária. Experiente em viajar, Climaco enviou cem mil através de depósito bancário. O mesmo esteve à frente do trabalho até o ano de 1922. No Maranhão, os assembleianos sofreram perseguições por parte dos católicos que agiram violentamente, que nesse período contava com a presença do pastor Otoniel Alves de Alencar e de sua esposa (BERG, 1995).

O cenário intolerante daquele período e a ânsia por fazer com que a Igreja crescesse eram características marcantes da missão assembleiana. Assim, a contribuição financeira das igrejas demonstra como as pessoas desejavam fazer com que mais pessoas fossem ‘salvas’, pois era um dever delas ‘contribuírem na obra do Senhor’<sup>17</sup> (CONDE, 2000).

Na Bahia, Joaquina de Souza Carvalho iniciou as pregações a partir do ano de 1926. Para auxiliá-la, a igreja de Belém enviou o pastor João Pedro da Silva, que batizou os primeiros grupos de crentes que lá se encontravam e, em seguida, também foram batizados no Espírito Santo (BERG, 1987).

No ano seguinte, teve início a pregação no estado de Sergipe, cujo pioneiro foi o Sargento Ormínio, homem que servia ao Exército e que se mudou de Belém para Sergipe, conseguindo que diversas pessoas se convertessem a IEAD. Como não era obreiro credenciado pelo ministério, o evangelista comunicou-se com o

---

<sup>17</sup> Expressão utilizada costumeiramente entre os assembleianos para definir a ação missionária de cada voluntário na obra de Deus genericamente.

pastor João Pedro da Silva, que nesse período cooperava com o missionário Otto Nelson em Alagoas. No ano de 1928, João Pedro da Silva batizou os primeiros crentes e, apenas no ano de 1932, o missionário Otto Nelson oficializou a Assembleia de Deus em Sergipe (CONDE, 2000).

Por fim, no Piauí, a pregação teve início no ano de 1927 pela atuação do amazonense Raimundo Prudente Almeida. É válido ressaltar que já no ano de 1930 existia um grupo de pentecostais na cidade de Flores, atual Timon. Sobre essa rápida expansão, Carreiro (2007) diz que:

Em dez anos a Assembleia de Deus já estava presente em sete estados brasileiros, saindo do Norte em direção ao Nordeste, Sudeste e Sul do país. Em 1930 já existiam templos assembleianos em todos os Estados e territórios brasileiros.

A rápida expansão da IEAD em pouco tempo impressiona. Contudo, as pregações também foram bastante eloquentes no sudeste, sul e centro-oeste do país.

### 1.1.3 A Região Sudeste e a mensagem assembleiana

Os missionários pioneiros da IEAD tiveram forte atuação no Sudeste do país. Gunnar Vingren atuou fortemente no Rio de Janeiro (1923), onde esteve acompanhado de sua família, e Daniel Berg atuou em São Paulo (1927) e Vitória (1922). (BERG, 1987). Na visão de SILVA (2003), o Rio de Janeiro foi o ponto estratégico de sustentação para o crescimento do pentecostalismo.

Conforme Emilio Conde (2000), o estado do Espírito Santo contou com a presença de Galdino Sobrinho e de sua esposa no ano de 1922. Mas, foi no ano de 1924 que o missionário Daniel Berg viajou para a cidade de Vitória e iniciou a igreja. Alguns cultos foram dirigidos por ele na Rua Santo Antonio no intuito de evangelizar. A presença de líderes religiosos que iniciaram o trabalho missionário da IEAD no Brasil comovia certamente bastante as pessoas, uma vez que eles exerciam um

carisma sobre os fiéis já consolidados e que fundamentaram o discurso dos primeiros convertidos, pois a instituição estava pautada pela oralidade.

No estado do Rio de Janeiro, cujo nome no período era Guanabara, a atuação dos assembleianos teve início no ano de 1923. Contudo, em 1911, de modo informal, já houve o início do trabalho missionário. Como pioneiros oriundos do Norte, estavam os pastores Adriano Nobre e Heráclito de Menezes. Cultos foram organizados assim como a escola dominical vespertina. No ano de 1924, na praia do Caju, Gunnar Vingren batizou os primeiros crentes, entre os quais estavam Maria Rosa Rodrigues, Florinda Brito e Paulo Leivas Macalão (BERG, 1987). Este se tornou referência no meio evangélico pentecostal, como veremos adiante.

No ano de 1924, também ocorreram no litoral paulista sinais de evangelização de forma espontânea, mediante a presença de crentes pernambucanos no local. Posteriormente, Daniel Berg esteve à frente dessa igreja até meados de 1925, quando John Sorhein o substituiu (CONDE, 2000).

Na capital de São Paulo também o pioneirismo coube a Daniel Berg, que chegou ao local em novembro de 1927. Sem recursos nem conhecimento da cidade, alugou uma humilde casa no bairro despovoado de Vila Carrão. Na sua residência iniciou os primeiros cultos e batizou os primeiros convertidos em março de 1928 (CONDE, 2000).

A forte atuação de Berg nos faz observar como foi importante sua presença para que a região fosse bem evangelizada, já que ele fez questão de atuar diretamente nessa missão, certamente por causa do desenvolvimento da cidade e da visão de que a conversão de pessoas à IEAD faria com que a igreja adquirisse uma melhor estrutura no país.

Em Minas Gerais, a Assembleia de Deus foi implantada pelo experiente missionário Clímaco Bueno Aza. O religioso chegou a Belo Horizonte em fevereiro de 1927, indo morar com sua família na Rua Peçanha, na esquina da Rua Paraíso, e passando a batizar as pessoas. Entre os primeiros crentes estavam Antônio Gomes, Antônio Lopes de Oliveira, Valdomiro Peres e José Alves Pimentel (CONDE, 2000).

A pregação dos principais missionários da IEAD no sudeste do país nos faz constatar como foi proposital a tentativa de estabelecer uma base forte do movimento na região. Assim, se vê nitidamente que os pregadores não foram pessoas iniciantes, mas sim aqueles que estavam mais bem preparados e que havia fundado a denominação religiosa.

#### 1.1.4 A IEAD no sul do Brasil

Bruno Skolimowski, Clímaco Bueno Aza, Gustav Nordlund e John Peter Kolenda foram os estrangeiros encarregados da pregação pentecostal no sul do país (BERG,1995).

Como responsável pelo Paraná, Skolimowski saiu de Petrópolis, RJ, e chegou até lá no ano de 1928. Vale destacar que seu maior alvo foram seus compatriotas que lá residiam, mas que não dominavam até então a língua portuguesa. Muitos deles se converteram e contribuíram na evangelização dos paranaenses (CONDE, 2000).

Aqui percebe-se, novamente, a ênfase na busca por converter parentes e compatriotas e no lema que é perceptível no discurso, ou seja, a salvação, a cura e o batismo no Espírito Santo. Contudo, algo novo relatado pelo autor é a presença de milagres, tão prezada por denominações neopentecostais que apareceriam em um momento posterior (BERG,1995).

Em Santa Catarina, foi à cidade de Itajaí a primeira a receber a mensagem de avivamento pela atuação de André Bernardino, o qual, tendo recebido a visita de Berg e Vingren e sido curado de sua enfermidade, se converteu e passou a pregar para seus familiares e as pessoas de sua terra natal no ano de 1931. A partir de seu testemunho, muitos se converteram. André Bernardino atuou como ministro de música e animou muitas reuniões da igreja. Espontaneamente, mediante visitas de crentes a Florianópolis em 1938, a IEAD foi paulatinamente se estabelecendo. O missionário suíço Albert Widmer também teve grande contribuição na evangelização desse estado (CONDE, 2000; BERG,1995).

No Rio Grande do Sul, a pregação teve início no ano de 1922, já que algumas pessoas escreviam para o jornal Boa Semente<sup>18</sup>. No entanto, a maior atuação assembleiana se deu por Gustav Nordlund e sua esposa, Elisabeth Nordlund, no ano de 1924. O casal desembarcou em Belém do Pará em 1923, onde estiveram na

---

<sup>18</sup> Um dos principais meios de comunicação da IEAD. O estudo do Jornal Boa Semente pode ser encontrado em algumas dissertações e teses como: D'Avilla (2006), Albano (2010) e Mello (2010).

companhia de Gunnar Vingren, que havia regressado de uma visita na Suécia. De início, o casal teve grande dificuldade para conseguir novos adeptos, mas paulatinamente foram conseguindo (CONDE, 2000).

Uma característica interessante desse local é a presença estrangeira, que se explica pela grande quantidade de pessoas de outros países nessa região. Além disso, observa-se que a pregação parece ser mais animada que nos demais locais, já que houve menção de milagres e de música nas casas. Assim, constata-se que o fervor missionário no sul contribuiu para o crescimento da IEAD naquela região. Resta-nos agora conhecer a realidade do Centro-Oeste e suas particularidades.

#### 1.1.5 A Região Centro-Oeste e a IEAD

Dentre os estados dessa região, o primeiro a receber os assembleianos foi o Mato Grosso na década de 1920, pois uma parte de suas terras foi desmembrada em 1943 para criar o Território Federal do Guaporé, atual estado de Rondônia atraindo migrantes de outras partes do país. Assim, pioneiros pentecostais, cruzando rios e seringais do Amazonas, chegaram ao Mato Grosso (CONDE, 2000).

O avivamento, portanto, teve início pelo Norte. No ano de 1923, Elói Bispo de Sena, crente batizado pelo missionário Paul Aenis, em Rondônia, chegou à localidade de Generoso Ponce e pregou durante sete dias (CONDE, 2000; BERG, 1987).

Conforme o jornal *Boa Semente* de Belém do Pará, Elói Bispo realizou uma nova viagem a Generoso Ponce em 1924. Encontrou ali 60 crentes, sendo 25 batizados no Espírito Santo. Logo, podemos concluir que o avivamento estava presente no norte de Mato Grosso desde 1923.

Foram os irmãos Rodrigues Alves Ferreira e suas esposas que pregaram em Cuiabá. Alguns presbiterianos, ao visitarem a Assembleia de Deus em Goiânia, se converteram ao pentecostalismo e mudaram de denominação. Posteriormente, mesmo residindo em Cuiabá, o casal se tornou membro da igreja de Ribeirão Preto, São Paulo (CONDE, 2000). Essas mudanças de denominação nos fazem constatar como o fervor pentecostal comovia as pessoas que encontravam respostas para



suas dificuldades numa realidade mais avivada. Isso se explica pela ênfase na cura e no ânimo proporcionado pelo Batismo no Espírito Santo.

Criado a partir do desmembramento ocorrido em 1979, o território que corresponde ao Mato Grosso do Sul teve atuação de missionários em outubro de 1944. Merecem destaque os seguintes fundadores: o pastor Juvenal Roque de Andrade; Paulo Fernando Brenta, secretário; Aristides Alves de Souza, tesoureiro, bem como alguns membros nessa ocasião: Ambrosina Maria de Souza, Antônio Rondon de Melo, Elvira Gomes e Justina Rocha da Silva (BERG, 1987).

Com relação ao estado de Goiás, devemos apontar que Goiânia, capital do estado de Goiás foi inaugurada em 1933, atraindo muitos trabalhadores, entre os quais estavam operários, comerciantes, funcionários públicos e outros profissionais. Algumas das pessoas que vieram trabalhar na construção de Goiânia eram convertidas a IEAD (ALMEIDA, 1987).

Alguns membros da Assembleia de Deus do bairro carioca de Madureira estavam em Goiás no ano de 1936. Isso fez com que o pastor Paulo Leivas Macalão, líder em Madureira, designasse o diácono Antônio do Carmo Moreira para assistir o pequeno rebanho em Goiânia. As reuniões ocorriam em residências de assembleianos como a do irmão Benedito Timóteo na nova capital. Aniceto Novais, Eva Pereira da Silva e Teodoro dos Reis aparecem como alguns dos pioneiros nesse ano de 1936. Os batismos foram iniciados no ano de 1937 foram avançando por cidades como Anápolis, Pires do Rio e Catalão.

Isso demonstra novamente como a partir do momento em que surgiam novos convertidos, as conversões se espalhavam pelas proximidades na ânsia de converter novas pessoas e 'livrá-las do mal'. Em outros casos, a ânsia maior era pela conversão de familiares, mas mesmo sem a presença deles, o ardor missionário movia os fieis que, interpretando literalmente a Bíblia, sentiam o desejo de propagar o evangelho a toda humanidade. É nítido como propagar o evangelho significava para eles converter mais pessoas a sua fé e que a não conversão implicava na condenação ao inferno.

No que diz respeito ao Distrito Federal, há menções de primeiras pregações no ano de 1956, pela iniciativa do Ministério de Madureira de Goiás em Brasília de iniciar a pregação quando a cidade ainda estava sendo construída. Faziam parte desse grupo os pastores Antônio Inácio de Freitas, Divino Gonçalves dos Santos, Lázaro Maléu de Oliveira, Jaime Antônio de Souza, Jamil de Oliveira e Antônio

Carneiro, entre outros. O primeiro culto foi realizado no dia 27 de janeiro de 1957 na Cidade Livre (atual Núcleo Bandeirante) e como dirigente atuou o pastor Antônio Alves Carneiro (BERG, 1987).

O atual estado de Tocantins, criado pela Constituição Federal de 1988, é um desmembramento do estado de Goiás. Diante disso, e das peculiaridades de sua história regional, a origem da Igreja neste Estado acompanhou o avivamento ocorrido no Estado de Goiás. Palmas, planejada para ser sua capital, foi inaugurada em 20 de maio de 1989 dando sequência a uma nova fase de crescimento da Igreja nesse Estado (CONDE, 2000).

Contudo, observando a nova unidade da Federação, pode-se mencionar a Assembleia de Deus em Gurupi, ligada a Convenção Nacional das Assembleias de Deus Ministério de Madureira - CONAMAD, a qual em 2006 comemorou 50 anos de existência. É válido destacar que mesmo pertencendo à Região Norte, ficou incluído na Região Centro-Oeste por uma questão cronológica, uma vez que o Norte foi evangelizado nas duas primeiras décadas do Movimento Pentecostal.

A presença do Ministério Madureira no Centro Oeste foi bastante clara ao analisarmos a forma como a IEAD chegou nessa região. Para compreendermos a diferença entre a CONAMAD e a Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil - CGADB, falaremos brevemente da principal cisão ocorrida na IEAD.

## 1.2 A CGADB E SUA PRINCIPAL CISÃO: ANÁLISE DO ROMPIMENTO DA CONAMAD

A CGADB é o órgão que cuida da reforma e adequação dos estatutos da denominação. Entre os anos de 1933 a 1938, a CGADB construiu a identidade assembleiana, indicando usos e costumes e pontos de vista doutrinários. No ano de 1946, ela passou a ser pessoa jurídica (CARREIRO, 2007, p.186).

Em setenta e cinco anos, a CGADB teve trinta e oito reuniões nacionais, nas quais foram escolhidos os presidentes nacionais. Nylstron foi o primeiro presidente a ser eleito no ano de 1933 e reeleito nos anos de 1934, 1938, 1946 e 1948. SOUSA (2010) destaca Nylstron como o líder que mais exerceu liderança nos primeiros cinquenta anos. Logo José Pimentel da Costa foi outro grande líder que presidiu a

CGADB nos anos de 1964,1973 e 1975 voltando a liderança nos anos 1988 e permanecendo no ano de 1990, 1995, 1997, 1999, 2001, 2003, 2005,2007, 2009 (CARREIRO, 2007).

No decorrer desses anos, muitas cisões ocorreram, originando novas convenções, mas certamente a maior delas se deu após o surgimento do Ministério de Madureira, liderada por Paulo Levi Macalão (1988). Sobre a importância desse Ministério, CARREIRO (2007, p.204) afirma:

O mais expressivo dos ministérios independentes originários da CGADB é o Ministério de Madureira, cuja igreja já existia desde meados de 1930 fundada pelo pastor Paulo Leivas Macalão e que, em 1958, serviu de base para a estruturação nacional, do ministério por ele presidido, até a sua morte, no ano de 1982.

O pastor Paulo Leivas Macalão era filho de militar de alta patente. Seu destaque se deu pelo seu discurso persuasivo. A sua intelectualidade o fez capaz de introduzir com sucesso o pentecostalismo no meio intelectual sem perder o foco das classes menos favorecidas e ainda o fez responsável pela autoria da maioria dos hinos da harpa cristã (ALMEIDA, 2007).

Os questionamentos de Macalão giravam em torno da condução e jurisdição da IEAD. É importante ressaltar que a CGABD é o órgão que cuida da reforma e adequação dos estatutos da denominação.

O caráter nacionalista do pastor Leivas Macalão fez com que ele tivesse conflitos com os suecos desde a Revolução de 1930. A partir dos anos trinta, foi fundado o Ministério Madureira e no ano de 1958 ele foi estruturado nacionalmente. Com relação ao início desse Ministério, D'Avila (2006, p.52) comenta:

O Ministério de Macalão cresceu com congregações espalhadas nos subúrbios do Rio. Em quatorze de março de 1948 iniciam-se as obras de construção do templo em Madureira no terreno da Rua Carolina Machado, 174. Quase cinco anos após o início das obras, em primeiro de maio de 1953, a Catedral da Assembléia de Deus de Madureira é inaugurada com capacidade para três mil pessoas em estilo arquitetônico diferenciados de todos os templos da AD.

Paulatinamente, a CGADB observou que o ministério Madureira tinha invadido a jurisdição de missões chegando ao ponto de, no ano de 1989, durante a Assembleia Geral Extraordinária na cidade de Salvador BA foi definido por força do estatuto que impede o ministro de ser da convenção, o desligamento dos seus ministros da CGADB (FERNANDES, 1998).

A CONAMAD continuou existindo mediante a decisão dos ministros. No período da divisão, os membros do Ministério de Madureira correspondiam a trinta por cento dos membros pertencentes a CGADB.

Concentrada no Sul, Centro Oeste e Sudeste, a CONAMAD é uma das maiores concorrentes da CGADB, que possui atuação mais forte apenas no Norte e no Nordeste, encontrando dificuldades para adquirir espaços nos grandes centros brasileiros (CARREIRO, 2007).

Na atualidade, é bastante recorrente se ouvir de assembleianos que pentencem a Madureira ou à Missão. Há um grande número de denominações que utilizam o nome Assembleia de Deus, por exemplo, Assembleia de Deus Renascer, Assembleia de Deus Renovada, Assembleia de Deus Vida com Cristo, que não estão ligadas à CGADB, presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa do ministério conhecido como “Missão”, nem tão pouco ligadas a CONAMAD presidida pelo Bispo Manuel Ferreira do Ministério conhecido como Madureira (FREESTON, 1994).

### 1.3 ANÁLISE GERAL DA HISTÓRIA DA IEAD

A partir de um estudo das dissertações e teses que se voltam para a IEAD, podemos constatar apenas fragmentos que tratam de sua expansão pelo Brasil. Assim, foi preciso organizar um estudo pautado na literatura confessional para atingirmos o nosso objetivo, ou seja, o de compreender hermeneuticamente a história desta instituição.

Para tanto, foi necessário à realização de uma abordagem criteriosa tornando manifesta a visão religiosa dos autores que se voltam para a história da IEAD, para chamar a atenção do leitor e fazer com que ele observe criticamente coisas que apenas aparecem nas entrelinhas do discurso.

Isto se deu por observarmos que grande parte dos autores de dissertações e teses opta por um recorte de uma instituição específica, o que também enriquece o nosso conhecimento e traz contribuições valiosas. Porém, o enfoque hermenêutico na história da IEAD permite uma visão mais ampliada de como cresceu e se difundiu por todo o Brasil.

Assim, ao construirmos esta abordagem, temos a dimensão hermenêutica do todo e dos problemas que a instituição teve no decorrer dos anos.

Além disso, a análise hermenêutica faz com que percebamos as estratégias existentes em algumas ações da instituição, jamais mencionadas pelos autores apaixonados por ela e que resolvem escrever sobre ela com o intuito de evangelizar mais indivíduos e de mostrar os milagres que ela já conseguiu realizar com o passar dos anos ao estender seu campo de missão por todo o país.

Assim, apesar de mencionar que alguns personagens estiveram no início da evangelização com importante atuação em grandes centros, não se mostra o que seria a intenção dos mesmos e porque não direcionaram sua missão para as áreas periféricas do país, deixando-as a cargo de pessoas que estavam iniciando sua missão.

Isso se justifica porque, na abordagem desses autores confessionais, há apenas uma necessidade de mencionar pessoas que contribuíram para o estabelecimento da igreja, ou seja, os primeiros evangelizadores. A ideia é demonstrar o heroísmo daqueles que iniciaram a evangelização. Assim, há uma versão apaixonada da história da IEAD.

Heróis da fé, milagres e ardor missionário marcam as versões de pessoas que resolvem repassar para gerações futuras informações sobre onde começou a Igreja que trouxe a salvação para as suas vidas. É por isso que constantemente se fala no batismo no Espírito Santo e na maneira como a mensagem assembleiana promoveu mudança de vida.

Em nosso olhar acadêmico, conseguimos captar a importância da formação de uma identidade por parte dos grupos que se convertiam, pois participando da IEAD se sentiam pertencentes de um grupo e isso dava nomia para as suas vidas.<sup>19</sup>

Como observamos que muitas pessoas que se convertiam eram as mais pobres e marginalizadas da sociedade, podemos perceber como eles se sentiam

---

<sup>19</sup> Alguns autores mencionam a importância da identidade como Pesavento (2008) e Aubree (2004). Sobre a nomia adquirida pelas pessoas, o estudo mais aprofundado é o de Berger (1985).

valorizados no seio dessa instituição eram chamados a evangelizar, a se transformarem em missionários e a saírem daquilo que a igreja afirmava ser pecado e coisa do mundo.

É certo que essa questão de mudança de comportamento, presente na vestimenta, no comportamento e nas ações diárias, já foi trabalhada em algumas dissertações e teses, mas precisa ser aqui contemplada para podermos compreender a dimensão dessa missão e como a igreja conseguiu se expandir rapidamente.

Outra dimensão interessante é a maneira com que a literatura apologética afirma que os missionários sofreram grande perseguição por parte dos católicos. Enquanto pesquisador das ciências da religião, é preciso observar o comportamento fundamentalista dessa denominação religiosa e sua tendência para a demonização do outro.<sup>20</sup>

É preciso um olhar hermenêutico atento sobre várias questões ressaltadas pela literatura confessional e reconhecer sua importância, pois assim como a história positivista<sup>21</sup> ela nos traz datas e nomes fundamentais para a construção do conhecimento.

Contudo, uma análise interpretativa cautelosa permite ir além daquilo que ela enfatiza em seu discurso, reconhecendo que cada autor que escreve parte dos interesses de sua instituição e quer convencer aquele que se volta para a sua escrita<sup>22</sup>. No caso de uma literatura religiosa, geralmente ela chama a atenção para seu caráter sagrado e milagroso.

A propagação dessa fé religiosa se dava, como já vimos, a partir de folhetos e da distribuição de Bíblias. Assim, perdem-se os recursos simbólicos das imagens e passa-se a utilizar a leitura como base para a propagação.

Como veremos mais adiante, a leitura da Bíblia não é feita de maneira contextualizada e procura-se atualizar todas as narrativas para a vida de cada pessoa que a lê.

---

<sup>20</sup> Sobre estes embates religiosos e posturas radicais a leitura de Oro (1996) se faz importante.

<sup>21</sup> Reis (1994) comenta que os historiadores positivistas enfatizam em suas abordagens a história dos grandes homens e que a utilização de datas, nomes e notas de um passado heróico é comum nesta literatura, mas reconhece sua importância para as gerações posteriores que poderão se voltar para tais fontes com o olhar crítico e reflexivo trazendo problematizações.

<sup>22</sup> Sobre esta influência da instituição de origem e do objetivo incutido no texto, temos como base a leitura de Certeau (2007).

Assim, aquele que se volta para a Bíblia procura interpretá-la literalmente. O livro da Bíblia mais utilizado na evangelização é certamente o de Atos, principalmente no que diz respeito à vinda do Pentecostes, já que a cada lugar que se chega se fala do batismo no Espírito Santo.

A Bíblia, portanto, nesse contexto de evangelização, é interpretada na íntegra e frisa-se tanto esse livro quanto as narrativas do evangelho que falam da missão dos discípulos, pois grande parte deles sai do seu lugar de origem e faz missão em regiões distantes.

Há nitidamente uma movimentação total por parte dessas pessoas que são totalmente envolvidas pelas pregações e decidem evangelizar familiares, amigos e pessoas que não conhecem.

Como vimos, muitas pessoas se angustiam por fazer com que esta mensagem chegue até seus familiares, pois, na visão de mundo<sup>23</sup> adquirida nesse ambiente, era necessário o processo de conversão para se adquirir a salvação.

A insistência de muitas pessoas que se engajam nesse movimento faz com que seja propagada junto com ela a intolerância religiosa, gerando uma série de problemas com pessoas de outras denominações religiosas. O anticatolicismo e a demonização radical dos cultos afro-brasileiros fazem parte desse contexto religioso.

Assim, não se pode falar de missão sem falar de intolerância religiosa, sem lembrar que essas pessoas tinham uma visão radical em relação a outras crenças e acreditavam piamente que aqueles que não aceitassem o evangelho iriam para o inferno.

Aceitar Jesus, portanto, no contexto dessas missões era algo fundamental. Aqueles que rejeitassem essa ideia eram bastante criticados e sofriam uma violência simbólica por parte daqueles que aderiam à crença.

Da mesma forma, as pessoas que não admitiam o comportamento peculiar dessas pessoas como a mudança de hábitos, as roupas diferentes e a dedicação total para a missão, perseguiam e rejeitavam da mesma maneira.

Como vimos, em vários lugares era bastante comum a maneira com que os padres se posicionavam contra aqueles que chegavam ao território que anteriormente estava totalmente imbuído de valores católicos e professavam essa fé.

---

<sup>23</sup> Por visão de mundo, queremos dizer os aspectos cognitivos e existenciais do grupo. Geertz (1996).

Assim, a disputa pelos fiéis também foi alvo de vários embates entre católicos e protestantes fazendo com que houvesse uma rejeição de ambas as partes.

As críticas veementes à utilização de imagens na igreja, do culto aos santos e da precária leitura da Bíblia por parte dos católicos eram críticas frequentes dos assembleianos neste período, sendo que os assembleianos interpretavam a Bíblia na íntegra e sem contextualização, contrariando o que a Igreja Católica praticava e gerando polêmica com eles.

Assim, a partir da observação hermenêutica desse contexto e da análise criteriosa tanto de autores religiosos como de dissertações e teses, conseguimos esboçar o cenário de expansão da IEAD, suas peculiaridades e dificuldades. Contudo, apesar de considerarmos fundamental esta leitura cuidadosa da IEAD, sua missão e suas principais preocupações e dificuldades, consideramos importante também, observá-la em um contexto mais amplo, ou seja, analisarmos o sentido do pentecostalismo para esta denominação religiosa e como ele fundamenta a sua hermenêutica.

De maneira geral podemos considerar que a expansão da IEAD no território brasileiro contou não apenas com a presença de seus primeiros idealizadores, mas de todos que se envolviam na missão à medida que passavam pelos processos de conversão e eram estimulados a fazer com que mais pessoas conhecessem aquilo que para eles era considerado como verdade salvífica. Contudo, esta situação não se deu de maneira pacífica, uma vez que a intolerância religiosa entre católicos e pentecostais gerou conflitos visíveis mediante a diferença de identidade de ambos os grupos. Para compreendermos melhor sobre a identidade própria dos pentecostais dedicamos um capítulo específico pautado no estudo do pentecostalismo.



## 2. O PENTECOSTALISMO DA IEAD: CONCEITOS E APONTAMENTOS HERMENÊUTICOS

Após elucidarmos os apontamentos históricos da história da IEAD passamos agora para uma análise do pentecostalismo, contexto mais amplo no qual ela está inserida, a fim de observarmos a base fundamental de seus ensinamentos. Para tanto, será relevante o estudo de alguns autores que pesquisaram seus principais aspectos como a ênfase na terceira pessoa da Santíssima Trindade, no dom de línguas e na oralidade.

Antes de abordarmos diretamente a ligação entre o pentecostalismo e a IEAD, é preciso iniciarmos com a análise da etimologia da palavra e dos trechos bíblicos nos quais aparece.

De acordo com Synan (2009), a palavra Pentecostes vem do grego *pentekostos* (quinquagésimo). Esse era uma festa anual judaica, também conhecida como a festa das semanas ou festa dos primeiros frutos da colheita, celebrada cinquenta dias depois da Páscoa. O livro bíblico de Levítico descreve-a como segue:

Contareis para vós outros desde o dia imediato ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. Até ao dia imediato ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então, trareis nova oferta de manjares ao SENHOR. Das vossas moradas trareis dois pães para serem movidos; de duas dízimas de um efa de farinha serão; levedados se cozerão; são primícias ao SENHOR. Com o pão oferecereis sete cordeiros sem defeito de um ano, e um novilho, e dois carneiros; holocausto serão ao SENHOR, com a sua oferta de manjares e as suas libações, por oferta queimada de aroma agradável ao SENHOR. Também oferecereis um bode, para oferta pelo pecado, e dois cordeiros de um ano, por oferta pacífica. Então, o sacerdote os moverá, com o pão das primícias, por oferta movida perante o SENHOR, com os dois cordeiros; santos serão ao SENHOR, para o uso do sacerdote. No mesmo dia, se proclamará que tereis santa convocação; nenhuma obra servil fareis; é estatuto perpétuo em todas as vossas moradas, pelas vossas gerações. Quando segardes a messe da vossa terra, não rebuscareis os cantos do vosso campo, nem colhereis as espigas caídas da vossa sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixareis. Eu sou o SENHOR, vosso Deus (Lv 23,15-22).

As igrejas pentecostais fazem alusão ao acontecimento narrado acima como um símbolo para todos os que se converteram ao cristianismo no dia de Pentecostes. Nesse sentido, o significado que se dá é de que seriam os primeiros

frutos da colheita de uma grande parte dos milhões de almas. (MENDONÇA; VELASQUES 1990).

O termo pentecostalismo é instigante, carregado de significados para a cultura judaica. A festa de pentecostes, porém, se torna conhecida no ocidente, pelo movimento cristão, que teve seu surgimento, de acordo com o livro de Atos, na festa de Pentecostes, exatamente dez dias após a ascensão de Jesus ao céu, quando quase cento e vinte discípulos estavam orando no aguardo do consolador prometido por Jesus (Jo 16,07). Nessa festa, os que se encontravam orando receberam o poder de Deus, que se revelou como o som de um vento impetuoso, os capacitando a falar em outras línguas, fenômeno que o livro de Atos, atribuído a Lucas, descreve como línguas como que de fogo (At. 2,3).

Assim, antes de analisarmos o pentecostalismo historicamente, faremos uma abordagem sobre a hermenêutica, pois é a partir de sua compreensão que teremos a capacidade de interpretar o pentecostalismo e de enxergá-lo como forma de interpretação da Bíblia. Analisaremos o termo pentecostalismo e, em seguida, abordaremos o conteúdo pautado na hermenêutica pentecostal.

## 2.1 OS ESTUDIOSOS DO PENTECOSTALISMO E SUAS CHAVES CONCEITUAIS

No que diz respeito ao pentecostalismo no Brasil, Freston (1994), ao dividir o movimento pentecostal brasileiro em três ondas, definiu a primeira onda como *pentecostalismo clássico*.

Sobre os pentecostais clássicos, o autor destaca que estes acreditavam estar vivendo o retorno ao cristianismo da igreja primitiva, como relatado no livro dos Atos dos Apóstolos.

No que tange o discurso legalista dos líderes da IEAD, Freston (1994) destaca que o mesmo se manteve presente também na segunda e na terceira onda. Além disso, o autor enfatiza a maneira com que tal discurso, presente nas três ondas, fundamentava constantemente os temas como santidade, batismo no espírito santo acompanhado de uma perceptível manifestação de línguas estranhas. observa que o cristianismo originário foi fundamentado no judaísmo, portanto, em seu pensamento, seria natural os ensinamentos da tradição judaica fazerem parte do pensamento dos

cristãos. Sendo assim, os fiéis da IEAD, a partir da primeira onda, buscaram justificar seus ensinamentos legalistas nas perícopes do Novo Testamento que fazem referência ao legalismo judaico.

A partir da análise de estudiosos como Freston (1994) e Mariano, 1999, pode-se destacar ainda que os fiéis da IEAD pertenciam à classe mais desfavorecida da sociedade, ou seja, eram pessoas de origem mais humilde. Dessa forma, a partir de análises anteriores, constata-se que a IEAD buscou em sua teologia legitimar o sofrimento como forma de alcançar a vida eterna, a exemplo dos apóstolos e do próprio Cristo fundamentando-se em uma teologia escatológica (Freston, 1994; Mariano, 1999).

Sendo assim, para compreendermos melhor o que seria o pentecostalismo e sua influência sobre a IEAD, faremos uma análise específica desse tema, para depois analisarmos a hermenêutica da IEAD.

### 2.1.1 O Pentecostalismo e sua Hermenêutica

Na visão do pentecostal, o fenômeno da glossolalia se tornou mais evidente, pelo fato da experiência do Pentecostes neotestamentário ter tido como protagonistas discípulos indoutos, que comunicaram o evangelho aos estrangeiros que visitavam Jerusalém na ocasião da festa, no próprio idioma de cada um (At. 2,6). Conforme essa perícopa, Pedro pregou a palavra e, com sua pregação, quase três mil pessoas se converteram ao evangelho de Jesus (At. 2,41), iniciando assim a grande saga dos discípulos na propagação do evangelho entre judeus e gentios.

Portanto, esse fenômeno, que foi anunciado por Jesus como algo que capacitaria os discípulos para que pregarem o evangelho de Jerusalém até os confins da terra (Atos 1,8), foi denominado de pentecostalismo, pelo fato dele ter ocorrido exatamente no dia da festa judaica de Pentecostes. Alguns historiadores defendem que esse movimento permaneceu nos guetos e periferias da sociedade por séculos. Tornou-se manifesto novamente no “grande despertar” entre 1720 e 1740, período marcante do século XVIII, em que o Ocidente enfrentou uma fase de racionalismo e iluminismo muito forte, sofrendo perdas em sua estrutura simbólica e

no seu fervor espiritual. Para tanto, surgiram pregadores anunciando uma mensagem pietista. (Mariano,1999)

Alguns ícones desse período foram os avivalistas Jonathan Edwards (1703-1758), George Whitefield (1714-1770), David Brainerd (1718-1747), William Carey (1761-1834), John Wesley (1703-1791), Charles G. Finney (1792-1875), Charles H. Spurgeon (1834-1892), Dwight Lyman Moody (1837-1899), Charles Fox Parham (1873-1929). Parham deixou um grande legado para o pentecostalismo, sua interpretação doutrinária do batismo no Espírito Santo e necessariamente comprovado pelo falar em línguas, formando em seu seminário William Joseph Seymour (1870-1922) que, a partir do ano de 1906, se tornaria reconhecido como o pai do pentecostalismo moderno (SYNAN, 2009).

O cenário que marcou o início do movimento pentecostal no ano de 1906 foi Los Angeles, nos Estados Unidos, exatamente a Rua Azusa, onde houve um grande avivamento, caracterizado principalmente pelo "batismo no Espírito Santo", evidenciado pelos dons do Espírito (glossolalia, curas milagrosas, profecias, interpretação de línguas e discernimento de espíritos, entre outros). Esse surgimento é descrito por Godoy (2003 p.190) da maneira seguinte:

Em geral, os Estados Unidos são indicados como berço do pentecostalismo. Isto teria seus começos numa escola bíblica na cidade de Topeka, onde um metodista chamado Parham liderou uma radicalização do movimento de santidade. Nessa radicalização, os que seguiram a Parham, começaram a viver experiências novas que eram acompanhadas por fenômenos extraordinários, como falar em línguas, também definidas como experiências *glossolálicas*.

Assim sendo, o fenômeno pentecostal iniciado no século XX reunia negros e brancos americanos no mesmo culto, o que era extraordinário para aquela época naquele país. Esse avivamento foi sendo levado para o resto das Américas. Ao Brasil esse movimento chegou primeiramente pelo ítalo-americano Louis Francescon, que fundou a igreja Congregação Cristã no ano de 1910. No ano seguinte, os missionários Daniel Berg (1884-1963) e Gunnar Vingren (1879-1933), fundam as Assembleias de Deus no Brasil.

O Brasil, que anteriormente era hegemonicamente católico, começou a sofrer evidentes mudanças em seu cenário religioso. As igrejas pentecostais são as

principais responsáveis por essa metamorfose social e cultural. Com o seu crescimento e sua influência no Brasil, o mencionado movimento se tornou objeto de estudos em diversos pesquisadores, principalmente nos programas de pós-graduação (mestrado e doutorado). Entre os maiores pesquisadores dessa temática destaca-se Paul Freston que, em seus estudos, comprova que o pentecostalismo pode ser dividido em “três ondas”: a primeira, que o outro estudioso do tema, Ricardo Mariano, denomina de pentecostalismo clássico, que começou em 1910 com o surgimento das primeiras denominações, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus e suas difusão por todo país. Contudo, essa onda, que foi marcada por características como o anticatolicismo, ênfase na crença no batismo no Espírito Santo, na rejeição dos valores do mundo e na constante defesa da plenitude da vida moral, terminou em 1950 (FRESTON, 1994).

Abriu-se, com isso, espaço para a segunda onda, denominada por Mariano de período deuteropentecostal, que teve seu início com a chegada na capital de São Paulo de dois missionários norte-americanos, Harold Edwim Willians e Raymond Boatright, da *International Church of The Foursquare Gospel* (Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular). Esse movimento dentro do pentecostalismo brasileiro teve como característica distinta a cura divina, pois iniciaram as evangelizações das massas, principalmente pelo rádio, apoiando-se na Cruzada Nacional de Evangelização que contribuiu bastante para a expansão do pentecostalismo no Brasil. Para tanto, criaram a Igreja do Evangelho Quadrangular. Esse movimento fez escola e surgiram novas igrejas com as mesmas características, a Igreja Pentecostal Unida do Brasil, a Igreja Brasil para Cristo, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, a Casa da Bênção, a Igreja Unida (São Paulo, 1963), a Igreja da Nova Vida entre outras que não se despontaram como essas (FRESTON, 1994).

Em meados da década de 1970, surgiu a terceira onda, denominada por Mariano (1999) de Neopentecostalismo, que se deu sem a atuação direta de missionários vindo do pentecostalismo americano, pois foram lideranças brasileiras que fundaram as igrejas que marcaram essa onda, como a Igreja Universal do Reino de Deus, surgida no Rio de Janeiro (1977), liderada pelo bispo Edir Macedo, a Igreja Internacional da Graça de Deus, também no Rio de Janeiro (1978), tendo como fundador o missionário R. R. Soares, que ocupa um espaço significativo na televisão brasileira com o programa “Show da Fé”, a Igreja Renascer em Cristo, que surgiu em São Paulo (1986), e também a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, iniciada

em Brasília (1992). Essas se despontam como as principais denominações neopentecostais, que se caracterizam pela intensa utilização da mídia eletrônica, pela utilização de técnicas de administração empresarial, como o marketing, o planejamento estatístico, a análise de resultados. A teologia central de algumas dessas igrejas é a teologia da prosperidade, que, por sua vez, é fundamentada bíblicamente e exclusivamente em perícopes do antigo testamento. Evidenciando que o cristão é destinado à prosperidade terrena, pregavam também que, para a santidade cristã, não há necessidade dos tradicionais usos e costumes do pentecostalismo. Enfim, essas denominações são as mais liberais em questões de usos e costumes.

O fenômeno pentecostal ainda continua aberto, dinâmico e em constante movimento. Assim sendo, tem caminhado para novas perspectivas e novos modelos de igreja. Algumas igrejas têm conseguido acertar o tom do discurso e assim dar uma resposta às necessidades emocionais, sociais e espirituais, bem como alcançar pessoas mais estudadas da classe média. Para tanto, os cultos que acolhem esse tipo de pessoas têm proposto uma liturgia mais espetacular, o louvor parecendo um show com iluminação, banda, entre outras características. Quanto aos pregadores e palestrantes, se apresentam com um discurso pautado na psicologia, especificamente no cognitivismo<sup>24</sup>, contendo assim tendências à autoajuda. Apropriam-se da Bíblia simplesmente para legitimar os sermões (BOICE, 2008).

As novas denominações, independentes, que estão surgindo provenientes desse movimento, estão compondo o novo cenário pentecostal brasileiro, juntamente com algumas denominações protestantes tradicionais, igrejas históricas que foram se identificando como pentecostais após experimentarem manifestações pentecostais em seu seio. Portanto, essas Igrejas passaram a se intitular “Renovadas” por terem se convertido à teologia do batismo no Espírito Santo.

---

<sup>24</sup> A forma como compreendemos nossos problemas tem um efeito em como lidamos com eles. A terapia cognitivista encoraja a compreensão dos problemas explorando cinco aspectos da vida: pensamentos (crenças, imagens, lembranças), estados de humor, comportamentos, reações físicas e ambiente (passado e presente). Esses aspectos estão interligados, inter-relacionados de forma que cada aspecto diferente da vida de uma pessoa influencia todos os outros. O terapeuta cognitivo dá ênfase ao exame dos pensamentos e crenças relacionados aos estados de humor, comportamentos, sensações físicas e aos acontecimentos em nossas vidas. Uma noção básica importante da terapia cognitivista é a de que nossa percepção de determinado acontecimento ou experiência afeta fortemente nossas respostas emocionais, comportamentais e fisiológicas. Um passo fundamental da terapia cognitiva é que a pessoa desenvolva a habilidade de identificar seus pensamentos, estados de humor, comportamentos e reações físicas, tanto em pequenas situações como durante acontecimentos importantes de sua vida. (Greenberger e Padesky, 1999)

Merecem destaque a Igreja Presbiteriana Renovada (originária da IPB), a Convenção Batista Nacional (originária da CBB), a Igreja do Avivamento Bíblico (originária da IMB), a Igreja Cristã Maranata (originária também da IPB) e a Igreja Adventista da Promessa (originária da IASD), (FREESTON, 1994).

O movimento pentecostal, que ultrapassou seu primeiro século em 2006, também entrou na Igreja Católica Romana e em algumas Igrejas ortodoxas. Assim sendo, no meio católico, tem demonstrado grande força, principalmente nos jovens. O movimento interno da Igreja católica romana, conhecido como Renovação Carismática Católica (RCC), tem assumido um discurso composto pelo essencial da teologia pentecostal da “santidade”. Dessa forma se distancia muito pouco dos pentecostais protestantes e evangélicos, (FREESTON, 1994).

Em tudo, o que pode ser visto na contemporaneidade é o fato de que os pentecostais clássicos defendiam com veemência em suas mensagens o retorno ao pentecostalismo da igreja primitiva, que se caracterizava pelo batismo no Espírito Santo, evidenciado pela fala em línguas estranhas, de crentes então capacitados para o envolvimento missionário e sujeitos à perseguição, como também pelos sinais e maravilhas que acompanhariam os passos dos que levassem a boa nova. Sobre a importância do batismo no Espírito Santo, Majewski (2010, p.34) destaca que:

Na AD, a doutrina do Espírito Santo é altamente “prioritária e indispensável”, pois se entende que é a terceira pessoa da trindade que regenera, vivifica, dinamiza e desenvolve a espiritualidade do crente, a partir da fé em Jesus Cristo. A espiritualidade, por outro lado, é fortemente enfatizada nos meios pentecostais, onde é vista como uma espécie de “prova” de devoção do cristão, manifestando-se na forma de experiências individuais, sobrenaturais, com forte dose de emoção e espontaneidade.

No entanto, igrejas que se denominavam pentecostais clássicas a exemplo da IEAD, estão em fase de adaptação a essa nova geração e à necessidade “espiritual dessa sociedade”, enfrentando assim, no período do festejo de seu primeiro centenário, um distanciamento de sua identidade clássica, absorvendo influências de outras denominações, até mesmo neopentecostais. Assim sendo, pode se dizer que sua identidade, por pautar-se em teologias de várias denominações, tem se revelado até mesmo em seus cultos ou liturgia como

transversal. Pode se observar que os hinos da *Harpa cristã* que foram compostos pautados na teologia pentecostal, e tinham uma influência didática na formação da mente identitária dos membros da IEAD estão sendo colocados de lado, sendo substituídos por músicas *gospel*, acompanhadas de uma nova dinâmica e contendo letras pouco instrutivas do ponto de vista bíblico e da teologia pentecostal.

O discurso também tem mudado gradativamente. A Bíblia, que sempre fora fundamento da fé e prática do pentecostal, e ocupava um lugar de honra na ministração de qualquer pastor, se encontra hoje em um lugar periférico no discurso de alguns pregadores. Esses têm buscado ensinar teorias da psicologia cognitiva, por intermédio de mensagens de autoajuda, usando os textos bíblicos apenas para legitimar suas mensagens, fazendo uso de uma hermenêutica concordista, na qual o texto é lido para concordar com alguma teologia ou teoria extrabíblica e não o contrário (FERREIRA, 2009; CROATO, 1994).

Após esse esboço histórico do que seria o pentecostalismo e suas mudanças no decorrer dos anos, passaremos para uma caracterização própria da hermenêutica que fundamenta esse movimento, analisando inicialmente o conceito de hermenêutica, e apresentando a hermenêutica fundamentalista e pentecostal como a base da IEAD.

### 2.3 OS PENTENCOSTALISMOS E SUAS CARACTERÍSTICAS

Numa tentativa de melhor compreender os pentecostais, Almeida (2007) menciona a presença de vários tipos de pentecostalismo, ou seja, o crioulo, o missionário, os movimentos pentecostais heréticos e o da cura divina e prosperidade.

Sobre o pentecostalismo crioulo, Almeida (2007) aponta como principais características as fortes raízes da cultura popular católica, destacando, como principais lideranças, Gunnar Vingren e Daniel Berger que vinham da tradição batista. Como traços do pentecostalismo, Silva (2003, p. 34) destaca:



O marco de formação pentecostal esteve marcado com a expectativa de fim do mundo com a virada do século, remetendo, conseqüentemente, para uma maior religiosidade popular. Levou a fenômenos com a glossolalia que é o falar em línguas estranhas. tal fenômeno foi atribuído a intensa oração e manifestação de fé.

Ao destacar o pentecostalismo de missão, Almeida (2007) afirma que esse depende das juntas missionárias e segue o que determina a Conferência de Edimburgo e a Conferência de Panamá.

O movimento pentecostal herético é originado das igrejas crioulas e tem acentuado padrão messiânico. Sua economia é cooperativa e comunitária, conduzida por um líder carismático. Como exemplos, ele destaca a congregação de Mita em Arecibo (Porto Rico) e La Cruz del Mundo em Guadalajara (México).

O pentecostalismo da cura divina e prosperidade possui uma estrutura empresarial e é dissidente das igrejas crioulas. Sua característica mais peculiar é a dependência do líder carismático. A IURD é uma das maiores representantes desse tipo de pentecostalismo.

Como elementos do pentecostalismo, Dayton (1991) menciona quatro características fundamentais para sua compreensão: a salvação, o batismo no Espírito Santo, a cura e a segunda vinda de Jesus Cristo. Nessa perspectiva, Jesus é tido como salvador, batizador no Espírito Santo, médico e Rei que há de voltar. Além disso, outro autor que faz uma interessante leitura do discurso pentecostal é Albano (2010, p.27) ao afirmar:

De acordo com a doutrina pentecostal o ser humano é formado de espírito, alma e corpo. Portanto, sua antropologia é tricotômica: o ser humano possui três partes distintas que juntas constituem o seu ser. Cita-se geralmente para apoiar essa doutrina a perícopa de 1 Tessalonicenses 5.23: *“Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”*

Ao comparar a leitura da Bíblia realizada pelo pentecostal e pelo protestantismo, Mendonça; Velasques (1990) destaca que, enquanto o primeiro lê a Bíblia segundo a ótica de Lucas, o segundo baseia sua interpretação em Paulo.

Segundo Mendonça; Velasques (1990), para os pentecostais, a manifestação narrada nos Atos dos Apóstolos se repete quando necessário. Além disso, o autor explica como a profecia pentecostal estava fundamentada na revelação bíblica, que era a segurança do convertido.

Sobre a maneira com que o pentecostal lê a Bíblia, o autor chama a atenção para o isolamento de palavras da Bíblia sem observar o contexto histórico específico em que o verso está inserido, uma leitura de cunho concordista.

A alegria no culto, o testemunho de vida, a missão e a escatologia são características presentes na teologia pentecostal. A alegria certamente é proporcionada por uma experiência extraordinária com Deus e uma esperança em sua segunda vinda. O testemunho está relacionado a maneira do crente mostrar que tudo mudou a partir de sua conversão e a missão é a necessidade de propagar a vida nova em Cristo.

De todos esses elementos, o Espírito Santo é visto como a maior peculiaridade da hermenêutica pentecostal, pois é ele quem investe as pessoas de poder para curar, profetizar e pregar e quem transforma tudo. O pentecostal parece encontrar tudo no livro de Atos, ou seja, a promessa do Espírito Santo, a descida do Espírito Santo, o discurso persuasivo de conversão, a obra missionária, a conduta do cristão, ou seja, o livro de Atos se torna praticamente o livro do cristão. Essa abordagem, conforme Majewski (2010, p.18) pode ser vista nas revistas das escolas dominicais entre os anos 1980 e 90, uma vez que:

Os temas mais comuns, trabalhados de diversas formas, são os seguintes: a busca do “batismo com o Espírito Santo”, sendo a glossolalia sua evidência inicial; a busca e uso dos “dons do Espírito” para a edificação da comunidade; santificação (muitas vezes com ênfase na separação ou diferenciação moral e ética radical em relação ao mundo); escatologia milenarista (o Reino de Deus será estabelecido em breve, exclusivamente pelo poder de Jesus Cristo, e o cristão deve “estar preparado”, com uma vida santificada, para este acontecimento); a evangelização dos perdidos; doutrinas bíblicas fundamentais.

É preciso compreender que existem algumas variações entre os pentecostais em relação a essas características supracitadas, pois há aqueles que acreditam que a conversão ocorre logo no início, depois acontece a santificação completa, seguida do batismo no Espírito Santo. Outros consideram a existência de uma gradual

santificação, acompanhada do batismo no Espírito Santo e, por fim, há pentecostais que acreditam no unitarismo<sup>25</sup> evangélico, no qual se sobressai a figura de Jesus. Para melhor compreendermos as interpretações da Bíblia pelos pentecostais, analisaremos as hermenêuticas que fundamentam seu discurso.

## 2.2 A HERMENÊUTICA COMO ARTE DE INTERPRETAR

Para todos os efeitos, a palavra *hermenêutica* tem recebido dos estudiosos o significado convencional de *arte de interpretar*. Assim sendo, esse conceito tem sido aproveitado pelas áreas que se utilizam dessa ferramenta para a compreensão de seus textos, a exemplo do direito e da teologia. A explicação mítica referente a esse termo se dá da seguinte forma:

Hermes transmitia a mensagem dos deuses aos mortais quer isto dizer que não só as anunciava textualmente, mas agia também como << intérprete >>, tornando as palavras inteligíveis – e significativas-, o que pode obrigar a uma clarificação, num aspecto ou noutro, ou a um comentário adicional. Consequentemente, a hermenêutica tem duas tarefas: uma, determinar o conteúdo do significado exacto de uma palavra, frase, texto, etc., outra, descobrir as instruções contidas em formas simbólicas (BLEICHER,1992, p.23).

Assim destaca-se nesse mito o carácter interpretativo nos estudos hermenêuticos. No que diz respeito à utilização da hermenêutica pelas diversas áreas do conhecimento, pode-se destacar a abordagem de Palmer (2011), que enfatiza o carácter significativo da hermenêutica para um grande número de disciplinas que estão relacionadas com questões interpretativas.

No caso dos estudiosos da Bíblia, há uma visão de que essa palavra diz respeito à arte de interpretar os textos sagrados. Para tanto, os leitores da Bíblia, buscam compreendê-la por métodos ou leituras que estejam de acordo com sua corrente teológica e também com sua confissão de fé. (CROATTO,1994).

Portanto, se torna compreensível que uma das formas hermenêuticas seja

---

<sup>25</sup> Revela-se como uma corrente de pensamento teológico que afirma a unidade absoluta de Deus.

escolhida na compreensão de um texto. Tudo isso se dá por ter um leitor ou receptor do discurso oferecido por um hermeneuta, que se encontra pertencendo a uma das tradições ou denominações cristãs, que optou por uma hermenêutica particular (PALMER, 2011).

Assim sendo, nosso estudo parte do conceito etimológico, a partir da raiz do termo hermenêutica, e buscará com ajuda dos principais estudiosos do tema, a compreensão da gênese das principais escolas ou correntes hermenêuticas que foram fundamentais para a construção do imaginário cristão.

### 2.2.1 Hermenêutica: uma análise etimológica

Tratando-se da etimologia da palavra hermenêutica, existe uma discussão entre os estudiosos acerca da origem do termo. Entretanto, há um consenso entre os principais pesquisadores do tema e é por esse entendimento teórico que se buscará compreendê-la etimologicamente.

Para isso, evidencia-se aqui a definição da palavra hermenêutica proposta por Reimer [s.d.], que, mesmo concordando com os demais estudiosos para dizer que o termo é bastante discutido, afirma: “na raiz está o verbo grego *hermeneuein*, que tem os sentidos básicos de ‘falar’, ‘explicar’, ‘traduzir’. Trata-se de ações no campo semântico de ‘compreender’, ‘levar à compreensão’ ou ‘intermediar a compreensão’”.

No estudo da hermenêutica, Friedrich Schleiermacher não pode deixar de ser mencionado por ter dado uma contribuição bastante relevante ao diferenciar o entender do interpretar. Isso só é compreensível a partir do diálogo entre o crer e o compreender. Essa abordagem faz com que o exegeta apareça como participante do processo de entender, ao averiguar como o texto se relaciona com o restante da linguagem, a identificação do autor bíblico e, por fim, a sua identificação com o próprio texto.

Sobre as atividades da hermenêutica, Bleicher (1992, p.23) menciona que: “[...] a hermenêutica tem duas tarefas: uma, determinar o conteúdo do significado *exato* de uma palavra, frase, texto, etc., outra, descobrir as instruções contidas em formas simbólicas”.

A partir de tal afirmação consegue-se ter uma idéia da profundidade da atividade exercida pela hermenêutica, já que ela é responsável pela compreensão do significado exato de textos, frases e palavras, contribuindo assim com as mais variadas áreas do conhecimento.

Contudo, seu papel, de acordo com Bleicher (1992), vai além, já que também cabe a ela descobrir as instruções contidas em formas simbólicas que vão além da linguagem escrita. Há, portanto, uma capacidade de decodificação de instruções contidas em elementos simbólicos por parte da hermenêutica. Daí a relevância das suas atividades para a compreensão do homem.

### 2.2.2 Hermenêutica Fundamentalista e suas formas de legitimação da IEAD

A hermenêutica fundamentalista aqui abordada será analisada a partir de um estudo de seu conceito e de algumas definições históricas. Começamos com uma conceituação do que seria a hermenêutica.

Para tanto, destaca-se a definição talhada por Reimer [s.d.], que delimita o conceito com clareza, ao definir a hermenêutica como sendo “... a arte ou a técnica da interpretação (*ars interpretandi*) e suas respectivas regras (*regula interpretandi*), que servem de guia para a arte de interpretar textos bíblicos (hermenêutica bíblica)... (REIMER, [s.d.], p. 01).

Somando a esta definição ao trabalhar com vários recortes da hermenêutica, Reimer busca desnudar, a partir de seu conceito e percurso histórico, o termo fundamentalismo. Assim, ele situa historicamente, de forma ampla porém sintética, o conceito ao mencionar que:

O termo *fundamentalismo* foi cunhado no início do século XX com a publicação dos ***Fundamentals – um testemunho em favor da verdade por parte de cristãos protestantes conservadores norte-americanos, os quais, com este escrito, pretendiam reagir contra os avanços da modernidade, sobretudo da teoria da evolução.*** A partir daí e na atualidade, este termo passou a ser aplicado para grupos e movimentos bastante distintos entre si, como o fundamentalismo judaico, o xiitismo islâmico, o fundamentalismo católico, o fundamentalismo técnico-científico, o fundamentalismo político, etc. Isso está bem documentado nos textos de L.Boff e M.Dreher. (Grifo nosso) ([s.d.], p. 28).

Pela afirmação que colocamos em evidência no texto acima, compreende-se que a hermenêutica, como forma de interpretação de textos bíblicos, foi utilizada pelos autores e defensores do fundamentalismo de origem norte-americana que tinham como praxe legitimar suas ideias a partir dos textos “sagrados”.

Vale destacar que a referente teoria adquiriu espaço no carisma “pentecostal” e em sua dinâmica de expansão para os povos excluídos socialmente, a exemplo dos primeiros fiéis da IEAD. Sobre a adequação do discurso pregado a partir da expansão do pentecostalismo às grandes massas, Gondim (1999, p. 34) destaca que:

[...] para continuar a se expandir e manter grandes multidões, os evangélicos precisaram manter o discurso simplificado. Assim as hermenêuticas foram gradativamente perdendo conexões literárias e as fundamentações acadêmicas, substituídas por aplicações práticas.

A partir da análise de Gondim (2009), evidencia-se a utilização de um discurso que atinge as grandes massas e que não mais se pauta em fundamentações acadêmicas. Tal discurso não deixa de se basear numa hermenêutica fundamentalista, uma vez que essa serviu como fundamento norteador da fé cristã, deixando o fiel livre para compreender o texto e aplicá-lo às suas necessidades diárias.

Sobre a hermenêutica fundamentalista destaca-se que ela teve um papel relevante na formação do novo ethos<sup>26</sup> desse recorte social brasileiro (Sanchis, 1997; Bittencourt, 2003). Assim, ela conseguiu constituir uma igreja fundamentada em princípios legalistas, com uma ética cristã que tem em seu bojo o pietismo<sup>27</sup> e o puritanismo<sup>28</sup> como base fundamental.

---

<sup>26</sup> De acordo com Geertz (1996), ethos é um conceito que apresenta aspectos morais, estéticos, bem como define os valores sociais de uma cultura específica.

<sup>27</sup> Sobre o Pietismo é relevante destacar a abordagem de Dreher, pois contextualizando historicamente este movimento, o autor destaca que este foi um movimento surgido no final do século XVII no luteranismo, como oposição à negligência da ortodoxia luterana para com a dimensão pessoal da religião. Tal movimento teve como pai Philipp Jakob Spener (1635-1705). Vale destacar que o pietismo influenciou o surgimento de movimentos religiosos independentes de inspiração protestante, tais como o pentecostalismo, o neo-pentecostalismo e o carismatismo. Assim constata-se que o Pietismo enfatizava a piedade do indivíduo e uma vigorosa vida cristã própria do luteranismo da

Segundo grande número de estudiosos<sup>29</sup>, os líderes da IEAD buscam no retorno ao carisma da igreja primitiva uma espiritualidade pentecostal baseada no pietismo, no puritanismo, no fundamentalismo, como também nas perícopes legais do Pentateuco, tais como Dt 22,5 sobre a diferença entre roupas masculinas e femininas.

Tais perícopes estão interpretadas por uma hermenêutica que foi modelada pela teoria do fundamentalismo que apresentava a igreja de forma literal e como tipologia que fundamentava a teologia pentecostal.

Além disso, mediante tais análises, constata-se ainda que, com a conjunção dessas teorias teológicas e das práticas da espiritualidade pentecostal, os líderes foram construindo o arcabouço doutrinário da IEAD (GONDIM, 1999).

Assim, a hermenêutica fundamentalista passa a ocupar um espaço importante no cenário pentecostal, dando origem a um discurso que, mesmo fundamentado na Bíblia, encontrava-se legitimado nos ideais propostos pelo fundamentalismo. Contudo, a hermenêutica pentecostal tem características próprias que a diferenciam consideravelmente do fundamentalismo.

### 2.2.3 A Hermenêutica pentecostal

Ao analisar especificamente o tema da hermenêutica pentecostal pode-se constatar que a mesma, de início, é caracterizada por uma aversão para com a educação, que na IEAD foi observada apenas nos últimos anos.

Observa-se ainda, conforme Hollenweger (1999), que, na visão dos pentecostais, a Bíblia pode ser considerada como clara em si mesma. Essa postura acarreta conclusões diferentes por parte das igrejas, de caráter espiritual e ético, apresentando, assim, diferentes conclusões sobre temas como a glossolalia e o batismo.

---

Reforma. Dreher destaca ainda, a maneira que esse está ligado à ética e modernidade, mostrando a sua busca pela transformação a partir da mudança individual. Dreher, (2002).

<sup>28</sup> O puritanismo pode ser considerado como uma concepção da fé cristã surgida durante o século XVII e desenvolvida na Inglaterra por uma comunidade de protestantes radicais depois da Reforma que se propõe lutar contra as ataduras da idolatria e da superstição. THOMPSON, (1998).

<sup>29</sup> Sobre a busca pelo retorno ao carisma da igreja primitiva, grande número de estudiosos se volta para esta discussão. Entre eles destacam-se alguns autores que podem dar um melhor embasamento para este estudo, ou seja: Correa (2006), Almeida (2007) e Rodrigues (2009).

Essa diversidade frente à hermenêutica pentecostal, de acordo com Fee (2005) permitiu um intenso debate aberto entre os acadêmicos. Ao analisar a hermenêutica pentecostal na América do Norte, Gordon Fee (2005) aponta o que ele considera como deficiências da hermenêutica pentecostal, elucidando seu desprezo pela exegese científica e como ela espiritualiza e devociona a leitura, construindo uma exegese legitimada pela experiência pentecostal, que torna presente em cada fiel-intérprete o autor da Bíblia, o Espírito Santo.

Comparando o pentecostalismo clássico com o neopentecostalismo, Campos (1997) destaca que esse democratiza a palavra por meio das línguas e profecias, mas hesitou em recuperar outros sentidos, ao contrário do neopentecostalismo que se utiliza de um rico aparato simbólico para atender ritualisticamente a necessidade do fiel.

#### 2.2.3.1 A IEAD e o discurso legitimador da pobreza

Em meio a tantas contradições sociais, a IEAD se organizava em convenções e estabelecia uma representação junto ao poder público, constituindo a Convenção Geral das Assembleias de Deus - CGADB, em 1930. Assim, a mesma foi, paulatinamente, se estabelecendo em todo o território brasileiro, expandindo-se a partir dos migrantes do Norte para o restante do Brasil (Almeida, 2007).

No que diz respeito a essa expansão, observa-se nitidamente, como já foi mencionado, que grande parte dos fieis que aderiam a IEAD faziam parte das camadas mais pobres da população. O discurso era defendido e assumido também pelos fiéis, fundamentado por textos bíblicos como o de Mateus 11,25: "... Deus oculta essas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos". Assim, os fieis diziam não precisar estudar, pois Pedro, um pescador, se tornou um apóstolo de Jesus. A identificação dos mais pobres com esse grupo é observada por Godoy (2003, p. 191).

As minorias oprimidas começaram a encontrar um lugar de reconhecimento que as identificava, mesmo que começava a afastá-la de suas mais importantes lutas. O movimento pentecostal criava, dessa maneira, uma



sociedade de escape frente as hostilidades do mundo. Um refúgio das massas frente a uma sociedade sem consciência.

É notável que os pentecostais vejam o Jesus humano<sup>30</sup> como um homem que não teve acesso ao estudo, tendo toda sua sabedoria oriunda do Espírito Santo e pela função de carpinteiro, sendo ele visto também como pobre fundamentado em perícopes como a de Lucas 9,53, “não tendo um travesseiro onde se reclinar a cabeça”. Assim, para os líderes da Igreja, assim também seria ou deveria ser para quem quisesse segui-lo.

A partir desse discurso, constata-se que os membros da IEAD negavam a riqueza, o poder, a política e, conseqüentemente, discriminavam as pessoas que usufríssem dessas benesses.<sup>31</sup> Faziam isso, por entender que eles chegaram lá por caminhos pecaminosos. Defendiam e também fundamentavam essa lógica em textos bíblicos como, por exemplo, Mateus 6,21: “Porque onde estiver o vosso **tesouro**, aí estará também o vosso coração” e Mateus 10,25: “É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.”. Assim, era legitimada a identidade cristã dos “crentes”, que logo se identificavam como um “povo dos céus” e não da terra, santos ou separados e, por isso, um povo especial.

Até a década de 1950, a IEAD teve um crescimento moderado, com pouca expressão no Brasil. Mas, foi a partir do êxodo rural, marcante nas décadas da segunda metade do século XX, por ter sido o período em que ocorreu uma migração em todo o território nacional, um fluxo e refluxo da população em busca do espaço urbano, que a IEAD teve seu maior índice de crescimento, chegando a existir a seguinte expressão no Brasil: “em toda cidade tem um Banco Bradesco e uma Assembleia de Deus”;

Nesse período, como as pessoas pertencentes à IEAD estavam quase sempre sujeitas a uma carga horária de trabalho exacerbada e a uma busca por se inserir no mercado de trabalho, paulatinamente foram buscando uma leitura prática, que respondesse às necessidades de seu tempo. Para tanto, a interpretação literal da Bíblia era constante e é dela que o próximo tópico tratará.

---

<sup>30</sup> A partir da hermenêutica dos pentecostais assembleiano, se estabeleceu um chavão que Jesus era cem por cento humano e cem por cento Deus, segundo textos como Hebreus 2,17.

<sup>31</sup> Veja-se FRESTON (1994) para maior aprofundamento.

### 2.2.3.2 A interpretação literal da Bíblia na IEAD

Analisando a IEAD e o discurso legitimador da pobreza, percebe-se que esse só foi possível mediante uma abordagem literal da Bíblia que atendesse as expectativas dos fiéis. Assim, não se importavam com a utilização do método histórico crítico, já que a Bíblia era interpretada segundo a necessidade atual.

Diante de tal busca pelo atendimento da necessidade atual, constata-se que a secularização permitiu que muitos que, anteriormente, tinham uma leitura considerada na linguagem pentecostal como espiritualizada, passassem a atender essa perspectiva pós-moderna que se volta para uma lógica do consumismo e a uma busca por acumular sensações (Mariano, 1999; Baumann, 1998). Segundo Vattimo (2004), essa secularização atinge vários grupos sociais de forma diferenciada. Assim, é nítida a maneira com que ela atingiu os fiéis dessa Igreja.

No período da ditadura militar 1964 a 1985, portanto, na a IEAD, tinha-se um discurso que se fundamentava na interpretação literal da Bíblia. Tal discurso extraía elementos de textos bíblicos que atendessem as necessidades dos fiéis. O texto legitimava o discurso do pregador uma vez que percebe-se que aquele que o escreveu era um ícone, ou seja, eram personagens importantes como Paulo e Pedro.

Assim, se utilizava um determinado texto, aplicando-o para o povo, sem retirar o significado do texto, mas retirando o significado da vida para o texto. Dessa forma, observava-se não o que o texto aborda em si, mas o que se entende dele, de acordo com a carga de significados que se tem e não com uma busca investigativa na exegese ou numa hermenêutica.

A lógica concordista, analisada por Ferreira (2009) é aquela vivenciada pelos fiéis da IEAD, já que a leitura da Bíblia era voltada para uma resposta a uma necessidade do fiel e não se tinha uma leitura contextual que se buscava compreender a passagem bíblica a partir do contexto em que ela está inserida.

Mediante essa peculiaridade, considera-se que é isso que diferencia a IEAD e o movimento pentecostal de outras denominações. Diante disso, concorda-se com Zabatiero (2006), que afirma que se valorizava no pentecostalismo e no neopentecostalismo a fé testemunhal em detrimento da base teológica.

Portanto, o discurso pentecostal, apesar de ainda ser escatológico, se diferencia por não ser homogêneo para todos, pois atende uma demanda de uma classe social, de um grupo social de faixas etárias diferentes por se adequar àquele modelo, diferentemente das igrejas tradicionais. Sobre o caráter escatológico do discurso da IEAD, Majewski (2010, p. 63) afirma:

Estimula-se assim uma conduta cínica (faz de conta que o mal não está acontecendo), passiva (não se age porque não é necessário), indiferente (pouco importa que o mal cresça, pois já está determinada a sua destruição quando Jesus voltar) e alienada (não se procuram as causas reais dos males que nos sobrevêm, mas se atribui tudo à vontade de Deus ou ao cumprimento de profecias apocalípticas), incapaz de entender que a realidade é muito complexa e que a interpretação dos “sinais da vinda” de Cristo está sujeita a muito equívocos.

A IEAD sofre mudanças porque precisa se adequar ao modelo social em que esta igreja está localizada e associada. É relevante salientar ainda que, aos poucos, a IEAD está adotando o iconismo. Está nascendo um movimento icônico na IEAD, ou seja, pastores, pregadores e cantores da instituição são constantemente postos em evidência e são referências atrativas para grandes eventos.

Contudo, para melhor compreendermos essas especificidades, é preciso dedicarmos um item específico à teologia pentecostal, a fim de observarmos que estudo fundamenta os seus discursos e qual a sua base teológica. Assim, a partir desse conhecimento, poderemos evidenciar suas peculiaridades e divergências.

### 2.3 CONSIDERAÇÕES INTERMEDIÁRIAS

A análise da IEAD em um contexto mais amplo, ou seja, no seio do movimento pentecostal, faz com que tenhamos uma visão abrangente dela como movimento que está ligado a outras denominações baseadas em uma teológica próxima por partirem de um mesmo contexto.

Assim, ao considerarmos que esses movimentos partiram do avivamento do século XVIII, percebe-se que a busca pelo batismo no Espírito Santo e a

fundamentação em Atos 2, presentes na IEAD, parte de um contexto maior, mesmo com nítidas especificidades. No caso da IEAD tal avivamento foi adaptado consideravelmente a uma realidade de pobreza e sofrimento existente no país e a Igreja, portanto, passa a ter características próprias do local em que está inserida.

Neste estudo ampliado, passamos a compreender que a cura, as profecias e a interpretação de línguas estranhas, presentes na IEAD, partiram de um movimento maior iniciado na Azusa Street nos Estados Unidos. Desse movimento, partiu toda a base das igrejas pentecostais, sendo que a IEAD e a Igreja Congregação Cristã marcaram o início do movimento, denominado por Freston (1994) de pentecostalismo clássico.

Assim como no Brasil, nos Estados Unidos, o movimento pentecostal é caracterizado por ser uma aglomeração de fieis de várias classes sociais que compartilham a mesma crença. É comum no pentecostalismo clássico, ou seja, na Congregação Cristã e na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, existir o anticatolicismo e também a rejeição dos valores do mundo.

Diante disso, passamos neste capítulo a observar de onde surgiram as características da IEAD vistas no capítulo anterior, pois apesar de suas particularidades, essa igreja, está inserida no contexto pentecostal, cuja base é o Espírito Santo. Assim também, destaca-se que houve outros movimentos que tinham características próprias, mas sempre com predominância da ênfase no Espírito Santo.

Além disso, é importante compreender também que a IEAD, no decorrer dos anos, tem sofrido modificações e se aproximado de algumas características do neopentecostalismo, principalmente no que diz respeito ao caráter midiático dessa terceira onda do pentecostalismo.

As pregações nos grandes centros não têm se pautado apenas pela Bíblia, mas também na psicologia cognitiva, com uma liturgia voltada para a espetacularização da fé. Essas mudanças fazem com que existam igrejas assembleianas que não enfatizam mais o Batismo no Espírito Santo e o falar em línguas estranhas no seu discurso.

Diante disso, falar da IEAD no contexto mais amplo é identificá-la dentro de um grupo maior no qual há denominações que influenciaram diretamente suas mudanças.

Analisando as ondas seguintes, percebe-se a forte presença de uma busca pelo conformismo da pobreza atentando para uma visão de que ela é apenas sinal de provação que fará com que os indivíduos consigam atingir a santificação.

Estudando o pentecostalismo, pudemos identificar algumas de suas tipificações que foram realizadas a partir das características particulares de cada grupo que assim se denomina.

Primeiramente vimos que o pentecostalismo crioulo tem como base as fortes raízes da cultura popular católica e traz consigo a glossolalia, a constante oração e manifestação da fé e teve como principais líderes os precursores da IEAD, ou seja, Gunnar Vingren e Daniel Berger.

Além disso, foi mencionado ainda o pentecostalismo de missão, que tem como bases a Conferência de Edimburgo e a Conferência de Panamá. Nessa abordagem, é identificado também o pentecostalismo denominado herético que tem acentuado padrão messiânico com economia cooperativa e comunitária conduzida por um líder carismático.

Por fim, trouxemos à tona o pentecostalismo da cura divina e da prosperidade, dissidente das igrejas crioulas, que possui uma estrutura empresarial e tem como característica mais peculiar a dependência do líder carismático. A IURD é uma das maiores representantes desse tipo de pentecostalismo.

Diante de tantas particularidades no movimento pentecostal, percebemos também que há algumas similaridades em todos eles, ou seja, a visão de que Jesus é aquele que batiza, cura e é Rei, ou seja, há uma nítida fé na segunda vinda de Jesus e uma ênfase no Batismo no Espírito Santo.

Como vimos no capítulo anterior, o assembleiano tende a fazer a leitura da Bíblia baseando-se no contexto de quem a lê e sem sistematização, característica que abrange todo o movimento pentecostal e não é própria da IEAD.

Apontamos ainda como características desse amplo movimento a alegria no culto, o testemunho de vida, a missão e a escatologia. Todas essas características estão diretamente relacionadas à mudança de vida proporcionada pela maneira com que este movimento dá uma nova identidade a quem dele se aproxima.

Analisando hermeneuticamente o movimento pentecostal, como fizemos com a história da IEAD, percebemos a ausência de uma exegese científica acompanhada por uma espiritualização e devocionamento da mesma. Assim, tal como vimos no caso específico da IEAD, há uma exegese construída com base na experiência.

Assim, analisando num contexto geral essa passividade diante da vida e espera constante pelo Reino de Deus a partir da busca pelo afastamento do mundo, entendemos porque esses grupos se mostram intolerantes frente aos demais e tendem a se isolar cada vez mais em suas comunidades.

No caso do neopentecostalismo, o apelo midiático e a busca por atrair cada vez mais indivíduos a partir de propagandas que afirmam a solução de vários tipos de problemas próprios de um contexto secularizado, com uma estratégia mercadológica, faz com que o número de fiéis esteja cada vez mais aumentando por causa da busca por solução fácil dos problemas pessoais.

Depoimentos de pessoas que conseguiram sair de situações caóticas como desemprego, alcoolismo e doenças servem como grande estímulo para que outras pessoas busquem a solução de suas dificuldades nesses movimentos.

É preciso compreendermos toda a base e fundamentos desse movimento pentecostal para conseguirmos analisar em que denominações religiosas ele se inspira para atrair um maior número de fiéis. As mudanças certamente são facilmente observadas nos discursos dos pastores e pregadores e nos próprios usos e costumes presentes nas divisões no interior da igreja em comparação com versões mais tradicionais.

Contudo, além de compreendermos a IEAD em um contexto mais amplo, é preciso que observemos qual é a base teológica que move o seu discurso e identifiquemos de onde ela recebe tais ensinamentos, que fazem dela uma denominação cuja teologia é híbrida e, principalmente, em seus inícios voltados para a legitimação da pobreza.

### 3. TEOLOGIA PENTECOSTAL NA IEAD: INFLUÊNCIAS E MUDANÇAS

A IEAD tem sofrido grandes mudanças no decorrer dos anos. Com mais de 14 milhões de fiéis no último censo, sua responsabilidade tem aumentado consideravelmente. Em seus cem anos, essa instituição tem sofrido várias influências teológicas e é delas que falaremos neste último capítulo.

O texto de Atos 2 foi um dos textos fundamentais para Parham, em seus estudos na escola Bethel onde ele começou a estudar, com um grupo de oração, o livro de Atos, na busca do batismo no espírito, instituindo assim a doutrina do batismo no Espírito Santo. Sendo assim, é a partir desse movimento e da decisão de Parham,<sup>32</sup> da sua intenção e desse texto que a Assembleia de Deus surgiu. Sobre a importância de Parham, Mello (2010, p.24-25) afirma:

Charlex Fox Parham é reconhecido como o fundador do movimento pentecostal nos Estados Unidos e também quem o “orquestrou”. Ele formulou a teologia do pentecostalismo clássico unindo as doutrinas que mais tarde definiriam o movimento: estilo evangélico de conversão, santificação, cura divina, pré-milenismo e o retorno escatológico do poder do Espírito Santo evidenciado pela glossolalia. Os esforços de Parham deram ao pentecostalismo uma estrutura teológica explicável, e instilaram no movimento uma ênfase missionária fervorosa.

A doutrina do batismo surgiu depois dessa influência do batismo no Espírito Santo e dessa doutrina, nova para aquele século. Ela propôs novos desafios e esses foram sendo superados, contribuindo assim para uma nova construção de identidade.<sup>33</sup>

Contudo, não foi apenas pelo livro de Atos que a IEAD veio sendo influenciada, mas por muitas outras coisas que ela foi absorvendo, tal como outras denominações, outras teologias, formatando assim a sua identidade. Por isso,

---

<sup>32</sup> A decisão de Parham foi de fundar a Escola Bethel no castelo de pedra para estudar o livro de Atos e buscar o batismo no Espírito Santo, iniciando assim a teologia do batismo no Espírito Santo.

<sup>33</sup> Conforme Pesavento (2008, p.60): “A produção de identidades, no caso, é sempre dada com relação a uma alteridade com a qual se estabelece a relação. Proximidade e distância coexistem. [...] somos sempre estrangeiros com relação a algo ou alguém. Os recortes de pertencimento identitário podem ser também variados e se superpor em uma mesma pessoa”.

estudaremos seguidamente algumas teologias anteriores ao seu surgimento e aquelas que foram suas contemporâneas.

### 3.1 A GLOSSOLALIA EM MOMENTOS ANTERIORES: APROXIMAÇÕES DO COMPORTAMENTO DA IEAD

O texto de Atos 2 se tornou fundamental no início do pentecostalismo moderno e, para a própria IEAD, desde sua gênese. Segundo a retrospectiva previamente feita em dados escritos e observados para a elaboração do presente trabalho, notamos que, no movimento pentecostal, a glossolalia se manifesta em outros momentos na história, além do início do primeiro século, ela também se manifesta no segundo século, no montanismo e a medida em que vamos conhecendo, observaremos que há, no montanismo, muita semelhança com a identidade da Assembleia de Deus, tais como referências morais, trajes, vestimentas, formas de santidade e características bem peculiares.

O montanismo teve início por volta do século II d.C na região da Frigia, na Ásia Menor. Foi um movimento profético liderado por Montano, Maximila e Priscila, que advogavam serem eles os representantes do tempo do Paráclito, ou seja, do Espírito, e de possuírem novas revelações para a Igreja. Entre as revelações, o autor menciona o fim dos tempos e a necessidade de viver uma vida mais ascética isolando-se no montanismo, o celibato, orações, jejuns e abstinências da carne. Seu principal ideal era a luta contra a paralisia e o intelectualismo estéril da maioria das igrejas organizadas na época (MENDONÇA; VELASQUES 1990).

Na história da IEAD, pode se constatar, a partir dos discursos das principais autoridades eclesiásticas, seu posicionamento contrário ao intelectualismo, tal como no montanismo. A proposta de espiritualidade, no período do montanismo, era a de haver manifestação de glossolalia. Nesse período, nós observamos que também havia uma espiritualidade pautada no isolamento do mundo. Havia também orações, jejuns e abstinências da carne, coisas presentes também no discurso da IEAD, principalmente no período do pentecostalismo clássico. Na segunda onda, havia muitas referências a isso, até os dias atuais. Essa é a IEAD dentro do nosso país,



destacada aqui para mostrar como o montanismo foi uma das referências fundamentais para a fundamentação de um discurso pentecostal.

Outro movimento que se aproxima da IEAD é o monasticismo, surgido no Egito por volta do século III e que era um movimento leigo que buscava a perfeição espiritual por meio da fuga do mundo. Os monges eram conhecidos como homens cheios do espírito ou pneumáticos (MENDONÇA, VELASQUES 1990).

Na vida monástica observa-se que a renúncia ao mundo, aos prazeres e a busca pela solidão são elementos fortes na caracterização do monacato e acabam por criar a imagem do monge como sendo um indivíduo muito justo e diferente quando comparado com o restante da sociedade. Lembramos aqui que a vida monástica seguia o estilo dos anacoretas do Egito ou dos estilitas sírios que, embora não tivessem desaparecido, tenderam a ser substituídos, ao longo do século IV, por uma diversidade de monges vivendo em mosteiros.

Esse grupo também se caracterizava pelo distanciamento da sociedade, buscando viver uma espiritualidade e um comprometimento com uma forma de pureza e de santidade, sem se envolver com a sociedade, entendida como corrupta e pecaminosa. Há nesse grupo características similares às da Assembleia de Deus, pois nela, principalmente em seus primórdios, havia uma busca pelo distanciamento do mundo. Para tanto, evitava-se ir ao cinema, ao teatro, aos shows, ao estádio e também fazer uma série de coisas que se compreendiam como demonstrações de ser do mundo. Assim era e ainda continua sendo a compreensão de parte da IEAD (GODOY (2003).

Joaquim De Fiore, no século XII dC, ensinou que a história estava dividida em três períodos ou dispensações: a do pai, no Antigo Testamento; a do filho, no Novo Testamento, e a do Espírito Santo ou do amor aos testamentos. Sobre esses períodos, Mendonça; Velasques observa que se o primeiro foi uma época de terror e o segundo foi uma idade de fé e submissão, o terceiro seria um período de amor, de alegria e de liberdade, em que o conhecimento de Deus seria revelado diretamente aos corações de todos os homens. Assim, identificando o pentecostalismo com o terceiro período, Joaquim de Fiore dá ênfase ao Espírito Santo como aquele que iria revelar os conhecimentos aos corações. Esse discurso se faz presente na Assembleia de Deus, pois quem revelava o conhecimento ao coração dos fiéis era o próprio Espírito Santo.

O ponto primordial do pietismo era a necessidade da conversão individual e da nova conduta do crente, desapegado do mundo material e apoiado na comunidade reunida em culto ao redor do estudo da Bíblia. Ao enfatizar a prática da fé, os pietistas puseram em prática uma moralidade ascética em alguns pontos extremamente radicais, principalmente no que tange a alimentação, a vestimenta e o lazer, mantendo um sentimento de responsabilidade comum, a partir do qual desenvolveram atividades de missão e de caridade. Esse comportamento lembra a IEAD quanto ao comprometimento de vestimentas e a não se envolver com o lazer. Concomitantemente, há uma aproximação com a busca pelo desenvolvimento de atividades de missão e caridade, próprias do caráter missionário da IEAD. Com relação à compreensão do corpo pela IEAD, Albano (2010, p.28) explica que:

Para a teologia pentecostal o corpo do ser humano não possui valor em si mesmo, antes seu valor consiste em ser “morada” da alma. Nas palavras de Pearlman: “Esse espírito é o centro e a fonte da vida humana; a alma possui e usa essa vida, dando-lhe expressão por meio do corpo”. Nesta perspectiva, o corpo é “instrumentalizado” e “coisificado”, pois é entendido como instrumento, como algo que serve de veículo da alma para se comunicar com o mundo.

O movimento metodista é um dos principais precursores da Assembleia de Deus com John Wesley. O metodismo tinha vindo da Inglaterra para os Estados Unidos e o movimento pentecostal no Brasil é oriundo do movimento pentecostal americano. Assim, o Brasil recebeu toda carga teológica e bíblica da influência americana. Há pouca influência do pentecostalismo europeu, latino-americano ou de outra região do planeta. O diálogo com a teologia pentecostal norte-americana pode ser observado na maneira com que as editoras de cunho pentecostal brasileiras, inclusive as da IEAD, costumam publicar seus livros, produzidos na América do Norte, com a qual compartilham ideologias e teologias.

Mas o movimento metodista veio para os Estados Unidos com um forte impulso evangelístico de pregação da santidade cristã, a partir do qual surgiu, após a guerra civil e na última parte do século 19, a cruzada conhecida como movimento de santidade, outro movimento que influenciou o discurso da Assembleia de Deus e sua teologia, visto que esse movimento preparou o terreno para o desenvolvimento do movimento pentecostal norte-americano. Percebemos, portanto, que um dos

principais movimentos paralelos a John Wesley, no qual surgiu a propagação da ideologia desse movimento, foi o avivamento do século XVIII, que divulgou e difundiu os principais pensamentos teológicos de Wesley.

Os avivalistas, Finney e Mude eram verdadeiros propagadores de uma teologia de santidade e é interessante ressaltar também que essa teologia não ficou simplesmente dentro da igreja metodista, nos Estados Unidos, mas conseguiu penetrar outros discursos, entrando em várias denominações como a Batista e a Presbiteriana, como é destacado pelos principais estudiosos do pentecostalismo (SYNAN, 2009), (OLIVA; BENATE, 2010).

O movimento de santidade pode ser considerado como a contribuição do metodismo para o pentecostalismo, que popularizou a teologia da santidade entre os crentes mais simples por meio do retiro de santidade, incentivando a criação de nova experiência ritual, resultando daí certas linhas do fundamentalismo nas quais aparecem o pessimismo escapista da história, a moralidade puritana e a visão aperfeiçoada da salvação manifestada em vários grupos após a reforma protestante. Tem que observar aqui que o fundamentalismo surge no final do século XIX, Bonome (2009) afirma que, no final do século XIX primeiro nasce a hermenêutica fundamentalista, depois nasce a ideologia política e, por fim, o movimento.

Isso tudo foi um preparo para que Parham comprasse o castelo de pedra e iniciasse a escola Bethel. A escola Bethel foi então, nesse momento, o lugar em que se reuniam para estudar o livro de Atos e também para orar. Começou então a haver manifestações com o Batismo no Espírito Santo e ali eles criaram a doutrina do batismo no Espírito Santo.

Um dos alunos foi o grande mentor William Joseph Seymour, que posteriormente foi para Azusa Street e lá iniciou o movimento pentecostal, no qual havia comunhão, entre negros e brancos. Como havia esse preconceito nos Estados Unidos,<sup>34</sup> Seymour sentava-se em uma cadeira do lado de fora da sala da escola Bethel e ali ele foi tendo a sua experiência com o conhecimento no Espírito Santo e foi batizado. Outro sim, todos os principais precursores do pentecostalismo na América Latina receberam, senão diretamente por Seymour, por alguém que recebeu por intermédio dele.

---

<sup>34</sup> Considerando o Apartheid vigente no Sul dos Estados Unidos que fez com que negros tivessem bairros e escolas e assentos nos trens próprios (SEMPRINE, 1999).

Então, o movimento se tornou icônico, pois ao se pensar em pentecostalismo, pensamos em Azusa Street. É importante observar que Parham era metodista e reuniu o grupo para estudar o livro de Atos buscando o batismo no Espírito Santo que ele recebeu, porém naquele momento, não havia ainda nenhuma motivação teológica por trás, mas quando as coisas tomaram corpo, na composição de um discurso, houve a incorporação das teologias que estavam por trás do movimento pentecostal iniciado em Parham como a santidade e o pietismo. Parham não era um teólogo solitário, alguém que achou a Bíblia e do nada começou a estudá-la, era alguém que tinha formação<sup>35</sup> e era natural que, como todo pastor, ele colocasse no seu discurso a bagagem de conhecimento que já adquirira. Desse modo, houve uma utilização daquilo que já havia sido adquirido, dando ao dom do batismo no espírito santo, ao movimento pentecostal, uma nova roupagem.

A roupagem teológica foi tentando pontuar, dando os principais elementos da identidade das Assembleias de Deus no Brasil. Todas as teologias apontadas são as referências que motivaram a construção da teologia da IEAD, os discursos do pentecostalismo clássico, ou seja, são as teologias que influenciaram e continuam influenciando a IEAD.

### 3.2 A IEAD E SUAS VÁRIAS COSMOVISÕES TEOLÓGICAS

A IEAD não tem histórico teológico próprio, ela aprendeu a fazer teologia com luteranos, presbiterianos, como pode ser compreendido a partir dos principais historiadores do pentecostalismo assembleiano. Enquanto Lutero iniciou um movimento panfletário, Calvino foi para o gabinete e sistematizou a teologia, consolidando uma identidade.

Godoy (2003) pesquisador das raízes teológicas do pentecostalismo, afirmou sobre esse assunto, que não resta dúvida que o movimento pentecostal recebeu influência de diversos movimentos cristãos e correntes teológicas, especialmente da igreja metodista.

---

<sup>35</sup> Ele é teólogo pela Igreja Metodista.

Dayton (1991) destaca que os quatro elementos comuns do pentecostalismo seja ele chileno, brasileiro ou da América do norte, sendo ele calvinista ou arminiano, eram a salvação, a cura, o batismo no espírito santo e a segunda vinda de Jesus. Pode haver divergências de escolas teológicas, mas esses quatro pilares são comuns a todas.

Destacando as influências formadoras da IEAD, Souza (1969, p.54) afirma que “a respeito da justificação pela fé somos luteranos, na forma de batismo nas águas somos batistas, a respeito da santificação nós somos metodistas. Em relação ao batismo no espírito santo somos pentecostais”.

Assim, na IEAD a justificação de salvação está na fé. O batismo, tal como entre os batistas, se dá por imersão e a santificação está no distanciamento do mundo. No Brasil, a Assembleia de Deus não se envolvia com política, com programa de Televisão, a mulher e o homem seguiam uma maneira de se vestir. Isso foi estabelecido em uma das convenções<sup>36</sup> como parâmetro de avaliação e de medida e essas medidas são relevantes. Essa postura de santificação é própria do movimento de Wesley.

Romeiro (2007) afirma que o movimento denominado de *confissão positiva* tem-se alastrado na comunidade evangélica brasileira desde a última década do século passado e é conhecido por vários nomes: teologia da prosperidade, evangelho da saúde e da prosperidade, palavra de fé ou ainda movimento de fé. Essa corrente teológica indica que qualquer sofrimento do cristão indicaria falta de fé.

Existem Assembleias no Brasil que mantêm-se tradicionais e que conseguem ser pentecostais clássicas. Há igrejas que sofrem mudanças devido a influências modernas das teologias contemporâneas que têm permeado as igrejas. Existem teologias anteriores e posteriores ao início da IEAD enquanto igreja, esses discursos foram apropriados pelos pastores e incluídos em seus ensinamentos, uma delas merecendo uma análise especial, pois marca o período atual da IEAD, ou seja, a teologia da prosperidade.

---

<sup>36</sup> Na convenção de Santo André, foi elaborado o Tratado de Santo André que se volta para esta discussão, resultando em vários itens de cunho legalista que a IEAD, deveria seguir como prática dos usos e costumes, característica dessa igreja (DANIEL, 2004).

### 3.2.1 A teologia da prosperidade na IEAD

A partir da década de 1970, a IEAD passou a ter uma relação com a mídia e com uma nova teologia - a teologia da prosperidade. A teologia da prosperidade foi norteadora para o discurso da IURD, da Renascer e para o discurso das principais igrejas neopentecostais do país (ROMEIRO, 2007). Conforme Campos (1997), os neopentecostais, em especial da IURD, se voltam principalmente para as escrituras judaicas, pentecostais os textos de Lucas como Atos dos Apóstolos e os protestantes tradicionais as cartas de Paulo.

Em seu livro, *Templo, teatro e mercado*, Campos (1997), destaca dados de um livro de Edir Macedo, que cita trinta e oito textos das escrituras judaicas contra apenas dois das escrituras cristãs, e ele coloca estatisticamente que isso equivale a cinco por cento de um, contra noventa e cinco por cento de outro. Romeiro (2005) observa também, que a hermenêutica neopentecostal é ritualizada, posto que quando se tem a campanha do Rio Jordão ou Mar Vermelho, é criado um cenário, uma interpretação, na qual as pessoas são levadas a atravessar o mar teatralmente de forma a viver aquela situação em busca de estimular o milagre. Essa é uma distinção hermenêutica que já está sendo encontrada na IEAD como o vale de Jaboque em que Jacó luta com o anjo tem seu nome mudado para Israel,<sup>37</sup> em cultos de campanhas e por pregadores itinerantes na IEAD, também se percebe esse recurso hermenêutico e homilética.

Paulo Romeiro (2007) afirma que quando Edir Macedo é questionado por essa teatralização, ele defende que todo leigo precisa de ponto de apoio então é assim que ele justifica a utilização de água, sal grosso e outros objetos, isto é, para que o leigo suporte a fé materializando-a e saindo com o milagre. Ele mesmo ressalta que, com o amadurecimento da fé, esses recursos não serão mais necessários.

Em *Decepcionados com a graça*, Romeiro (2005) destaca que nessa teologia da prosperidade foi pregado que a ausência de milagre equivalia à falta de fé, utilizando sempre texto do Antigo Testamento e quando se constatou a ausência dos

---

<sup>37</sup> A luta de Jacó com o anjo é bastante reforçada no meio pentecostal. A passagem se encontra em Gênesis 33, 24-31.

milagres. Ele afirma que o missionário RR Soares, em um de seus discursos, disse que no texto da Oração do Pai Nosso, a parte que diz que deveria ser feito “segundo a vontade divina” não pode ser utilizada porque desestimula a fé, gerando dúvida e fazendo com que haja a possibilidade de não existir milagre.

Ao comparar os neopentecostais com os pentecostais, Oro (1996) observa que, no primeiro, os líderes religiosos chegam a ser venerados e que se trata de um pentecostalismo que liberalizou as roupas e os costumes de seus adeptos. Contudo, as semelhanças estão na ênfase na cura divina, nos exorcismos, no ataque aos cultos afro-brasileiros e na utilização da mídia eletrônica.

Há entre os neopentecostais uma ausência de escatologia<sup>38</sup>, que os assembleianos têm deixado de pregar, gerando no indivíduo a ansiedade e o temor perante à morte e ao seu destino depois dela, espiritualmente, fazendo com que o indivíduo consuma mais<sup>39</sup>. Para a teologia da prosperidade, a morte é sinal de fracasso.

A teologia do poder também tem influenciado a IEAD, deixando de ter a antiga aversão ao envolvimento político, que era ensinado como errado, ensinamento esse que esteve fundamentado na relação de Constantino com a Igreja e o álibi que essa relação enfraqueceu a Igreja.

Nos Estados Unidos, surgiu, nos anos de 1920, a teologia do poder que chegou ao Brasil fazendo que a Igreja quisesse eleger governadores, deputados, vereadores, querendo o envolvimento e a discussão com o Estado, pretendendo defender as causas da igreja.

No livro *Super crentes* Romeiro (2007) ressalta a importância dos principais responsáveis pela teologia da prosperidade e isso foi sendo absorvido pelo discurso de muitos pastores da Assembleia de Deus. Aqui pode ser observado outro elemento: na carência de uma teologia própria, a IEAD assimilou ou absorveu aquilo que não lhe pertencia e sem a devida avaliação dessa teologia, ou seja, se estava de acordo com seus princípios e sua identidade.

Os pensamentos críticos como o de Paulo Romeiro em relação a essas assimilações feitas pela IEAD foram posteriores à maneira com que os pastores

---

<sup>38</sup> Conforme Croatto (1994), escatológico é denominado “anagógico”, que significa “conduz para”. Assim, a ideia de condução para o apocalíptico, o fim dos tempos, não é observado entre os neopentecostais.

<sup>39</sup> Para Baumann, o discurso secularizado faz com que os indivíduos se preocupem com os prazeres momentâneos e com o aqui e o agora. Evita-se falar sobre a morte e não se reforça o discurso da vida após a morte.

iniciaram campanhas e paulatinamente deixaram de pregar a escatologia, o batismo no Espírito Santo e a salvação, para pregar a prosperidade. Assim, as críticas não foram capazes de suprimir essa nova forma de pensar na IEAD, interferindo, com isso, na sua modalidade.

Houve então a mudança de costumes no interior da própria IEAD, fazendo com que ela fosse perdendo sua identidade, levando as novas Assembleias de Deus a se distinguirem dos seus primórdios. O principal problema dessas mudanças está na carência teológica, pois se não tem uma teologia clara e consistente, a tendência é que se fique absorvendo referências externas e adequando isso ao seu discurso. Por isso a importância do estudo teológico, pois dá a possibilidade de que uma linguagem, hábitos, teologias e convicções sejam estabelecidos e transformados em crivo para que sejam medidas as influências externas e saber distinguir se convém ou não.

A visão do estudo e da teologia como pecado, introduzida nos primórdios da IEAD, fez com que ela não tivesse consistência teológica. A hermenêutica da Assembleia de Deus é tida por Godoy, pastor chileno pentecostal, como subjetiva. Lê-se para a sua realidade e o texto bíblico não tem que ser analisado, pois a revelação virá do Espírito Santo, já que a Bíblia é vista como “viva”, no sentido de que a sua significação continua sendo revelado aos fieis por Deus. Tal situação faz com que qualquer indivíduo que vá até uma igreja Assembleia de Deus e peça a palavra afirmando ter recebido uma revelação de Deus, apresentando qualquer ideologia, não observa uma recepção negativa por parte dos fiéis, pois seria como negar o Deus que revela a sua mensagem.

Na visão de Godoy (2003), tal forma de ver a Bíblia é uma leitura idealista, pois tende a se inclinar para uma perspectiva que afirma que o pentecostal tende a tirar e isolar as palavras do contexto histórico específico que lhes deu origem e absolutizar a palavra bíblica.

Assim, pode se observar como a Bíblia, no pentecostalismo, é o símbolo que identifica o convertido e lhe oferece uma segurança especial. Ela é a única ‘propriedade’ que os pentecostais têm, dando-lhes o direito de serem eles mesmos. A cosmovisão bíblica do pentecostal, seu mundo e suas imagens, correspondem ao mundo e às imagens da Bíblia.

A relação entre a experiência do Espírito Santo e a Bíblia é dialética. Toda a apreensão pentecostal do Espírito Santo repousa sobre o testemunho dos Atos dos



Apóstolos. No pentecostalismo, a experiência de Pentecostes é um fato que se repete quando necessário, Mendonça; Velasques (1990) “sendo os dons distribuídos e sinalizados através de manifestações extáticas e glossolálicas. O pentecostalismo trata-se de um movimento impulsionado pela dinâmica do Espírito que sopra onde quer”. É a Bíblia que normatiza toda a revelação do Espírito na vida do crente. Toda profecia pentecostal está subordinada à revelação bíblica. Mas, por outro lado, na visão deles, só o Espírito santo é capaz de guiar o povo à interpretação da Bíblia (MENDONÇA; VELASQUES 1990).

A Bíblia é recuperada pelo ‘povo’. Ela pertence às classes populares que lêem com seus próprios olhos no contexto da sua realidade. Nessa ideia, a Bíblia, que antes era lida e interpretada pelo clero na tradição protestante, agora é lida e interpretada sem mediações externas. É a inspiração do Espírito Santo que capacita para a leitura e interpretação da Palavra de Deus. Como povo marginalizado de toda produção sociocultural, a experiência de ser produtor religioso, por meio do batismo do Espírito Santo e de posse da Bíblia, transforma-se numa verdadeira revolução. É a expressão máxima da misericórdia de Deus (GODOY, (2003).

Os pentecostais clássicos, portanto, lêem a Bíblia dentro e fora do culto, mas não aprofundam o estudo de forma sistemática. No pentecostalismo, opera-se a popularização do “magistério”, já que dentro da comunidade, a leitura da Bíblia está mediada pela tradição derivada, na maioria dos casos, do pastor fundador da denominação (OSSA, 1991).

Nesse contexto, o teólogo é visto como desviado, por questionar a revelação de Deus, mas ele, na realidade, é o responsável, guardião e é o principal responsável pela ideologia, identidade e teologia do grupo. Por isso, é relevante a habilitação teológica e saber distinguir as principais correntes e escolas para identificar o que é cabível ou não, de onde se veio e para onde se vai. Uma das mudanças mais contundentes em relação à IEAD diz respeito ao enquadramento de mulheres em atividades antes consideradas como masculinas.

### 3.3 NOVOS ESPAÇOS ADQUIRIDOS PELAS MULHERES NA IEAD: O CASO DE FRIDA VINGREN

Apesar do lugar periférico das mulheres da IEAD por um longo período, é bom ressaltar que algumas delas não ficaram à margem das funções eclesiais e que, mesmo não tendo a legitimação eclesial, destinada exclusivamente ao público masculino com sua consagração ou ordenação, ocuparam, com o passar dos anos, funções que eram legitimadamente masculinas.

Como exemplo, destacamos um ícone que foi pioneiro na busca de seu espaço no seio da igreja, ou seja, Frida Maria Strandberg Vingren (1881-1940), esposa de Gunnar Vingren, um dos fundadores da instituição.

Frida foi a primeira e única mulher a participar ativamente das sessões convencionais da Convenção Geral de 1930. Essa participação, segundo estudiosos<sup>40</sup>, se deu também pela ligação direta que Frida tinha com os meios de comunicação existentes na igreja, por ser uma das fundadoras. Dentre esses se destacam os jornais *Boa Semente* e *o Som Alegre*. Vale destacar que Berg (1987, p.34) menciona em seu livro que o marido, de Frida Vingren:

...era fervoroso defensor do ministério da mulher na Igreja, chegando a separar uma diaconisa no Brasil, o que na época criou certa polêmica entre os líderes assembleianos. A primeira Diaconisa das Assembleias de Deus no Brasil foi a irmã Emília Costa, consagrada por Vingren no Rio de Janeiro, em 1926.

Nasce, portanto, a suspeita da real intenção de Frida na primeira convenção, uma vez que seu marido era um defensor do ministério da mulher. Tal postura pode ser observada, especialmente, nos seus discursos na referida convenção. Por isso, e pelo fato de haver divergência sobre o trabalho da mulher na igreja, é que esse assunto fez parte da pauta nessa convenção.

Essa religiosa foi motivo de discussão já na primeira convenção em 1930, quando foi criada a CGADB – Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil<sup>41</sup>. Tal fato é compreensível pela maneira com que ela rompeu com a moral estabelecida e por um contexto histórico em que o androcentrismo predominava.

<sup>40</sup> Entre esses autores destaca-se: Daniel, (2004) e Alencar (2010).

<sup>41</sup> O ano de 1911 é considerado como data oficial do nascimento da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus – IEAD*, no Brasil. Desde, então, ela tem se espalhado numa rápida expansão geográfica, exigindo definições estruturais que se concretizaram, inicialmente, na criação de uma *convenção* que, no futuro, seria conhecida por Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB. Reuniões preliminares aconteceram em Natal (1929) e no ano seguinte ocorre a primeira Assembleia

No entanto, a partir da primeira convenção, foi se tornando comum as esposas dos missionários e mesmo de alguns obreiros nacionais participarem da audiência dos estudos bíblicos das convenções sempre ministradas pelos seus maridos. Vale mencionar que, mesmo diante dessa abertura, nos momentos reservados, as mulheres não poderiam participar das discussões convencionais, por serem reservadas somente aos obreiros (BERG, 1987, p.34).

Contudo, havia um nítido respeito dirigido a Frida. Respeito que pode ser observado a partir dos relatos missionários construídos por Nyström, em seu livro *Despertamento Apostólico no Brasil*, já que ele e a referida missionária dirigiam juntos a IEAD em Belém do Pará, conforme pode ser observado no seu relato: “A irmã Frida e eu trabalhávamos em colaboração. Muitos foram salvos e batizados nas águas. Jesus continuava batizando no Espírito Santo” (BERG, 1987, p.39). Tal afirmação parece contraditória, visto que Nyström era o principal questionador das atividades de Frida. Porém, aqui ele aparece demonstrando sua atuação junto à IEAD.

Samuel Nyström, todavia, mesmo reconhecendo a atuação de Frida em um momento anterior, chegou ao ponto de enviar uma carta ao marido da mesma, se contrapondo ao espaço por ela adquirido. Vingren, em resposta a essa reação, aproveitou o culto noturno em São Cristovão, para ensinar “concernente aos dons espirituais e ao direito de a mulher falar na igreja”. Vingren também não deixou de responder a carta a Nyström, sustentando sua posição (BERG, 1987).

Com o mesmo intento, Nyström, foi pessoalmente ao Rio de Janeiro para falar com Vingren, e o mesmo destaca em seu diário “... Sustenta que a mulher não pode pregar nem ensinar, só testificar...” e em outro momento se mantém irredutível e reforça que “não é bíblico a mulher pregar, ensinar e doutrinar” (BERG, 1987, p.35). Diante disso, Samuel Nyström, que contribuía no Jornal *Mensageiro da Paz*, decidiu

---

Geral da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (1930), com a participação da maioria dos pastores nacionais e missionários estrangeiros que atuavam no país, e uma decisão vital para aquela igreja: a liderança das IEAD torna-se exclusivamente nacional. Feita a transferência de poder, os novos líderes começam a fazer uso do ideal da CGADB de “discutir temas de máxima relevância para o crescimento da denominação”; dentre estes, destacam-se: as características da Assembleia de Deus, resultando nas primeiras resoluções conhecidas como *usos e costumes*, pontos doutrinários como *a conduta do obreiro*, etc., os quais deveriam ser adotados por todas as IEAD no Brasil. A próxima reunião da CGADB só acontece na cidade de Recife, Pernambuco (1946) e decide, dentre outros temas, transformar a Convenção Geral em pessoa jurídica a fim de poder representar a IEAD perante “as autoridades governamentais, bem como a todos os segmentos da sociedade” (OLIVEIRA, 2003.p. 50,51), (DANIEL, 2004).

se afastar ministerialmente de Vingren, por ele lutar em defesa da mulher no ministério.

Há nitidamente um conflito de mentalidades. Enquanto Vingren está aberto para inserir mulheres em cargos na Igreja, o segundo se fundamenta em perícopes isoladas para negar a participação da mulher na igreja. Essa atitude de Nyström é fruto de uma sociedade androcêntrica, em que a mulher não deveria ter espaços de destaque nas instituições. Todavia, tentativas de diálogo são realizadas nesse meio por parte de quem concorda com essa atuação feminina.

Sobre esse diálogo, Berg (1987) dá um destaque importante à conversa que Vingren teve com Nyström, cinco meses antes da primeira Convenção Geral. E o pioneiro tentou convencê-lo de que havia a necessidade premente de mais obreiros, para a evangelização no Brasil o que deveria levá-los a aproveitar melhor as mulheres, dando maiores responsabilidades e liberdade de atuação. Gunnar Vingren fundamentou seu apoio às mulheres, por ter recebido a salvação por intermédio de uma delas na Suécia. Essa salvação por ele enfatizada não é aprofundada por Berg (1987).

Relatos documentais nos levaram a compreender que o conflito ideológico de Vingren e Nyström foi assumido nos perfis das duas convenções mais importantes do Brasil. A CGADB ainda é defensora do pensamento de Nyström e a CONAMAD assumiu o compromisso de Gunnar Vingren, que por sua vez, tem defendido e assumido em sua prática de governo o princípio da inclusão feminina, concernente ao ministério pastoral. Na convenção de 1930, após todas as discussões entre Vingren e Nyström, foi homologado que:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e a sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8, [uma referência ao princípio do estado de necessidade]. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (BERG, 1987, p. 40).

Vejamos que, mesmo abrindo espaço para algumas exceções, há explicitamente uma defesa de que isso só ocorra em casos excepcionais, o que

revela que apesar da superação há um nítido androcentrismo, já que esse espaço é reconhecidamente masculino.

Alencar (2010) enfatiza que, nos primeiros vinte anos, quem comandou a Igreja foi o casal Vingren, enquanto Berg fazia colportagem nas periferias deixando a dúvida de quem realmente comandava a igreja, visto que Berg era considerado por algumas pessoas como não sendo dotado de expressividade.

Com o apoio do marido, era Frida quem dirigia o jornal *Som Alegre*. Por isso, ela tinha grande interesse nas decisões daquela convenção (BERG, 1987, p. 34). Assim, estudiosos<sup>42</sup> também destacam que Frida foi muito atuante no seio da igreja, tendo participado diretamente como compositora de hinos da *Harpa Cristã*. Ela ainda pode ser considerada a única mulher a escrever *Lições Bíblicas* da revista de escola bíblica dominical.

Além disso, Frida também teve uma colaboração ativa no *Mensageiro da Paz*, conforme afirma Berg (1987). Segundo esse pesquisador, essa contribuição ao jornal, em seus primeiros anos, se deu com a publicação de artigos e poesias edificantes.

Leonildo Campos, ao prefaciá-lo livro acerca da IEAD de Alencar (2010), oferece dados comprobatórios do desempenho de Frida no *Mensageiro da Paz*, demonstrando assim que:

“Somente nos números editados entre 1930 e 1931, conforme Alencar, Frida escreveu para o *Mensageiro de Paz* 10,9% de artigos e poesias. O seu marido produziu apenas 3,4% do total publicado nesse jornal” (p.16). **Dados, assim demonstram que essa mulher desempenhava, não somente por influência do marido, mas também por ter preparo constatado, como apresenta Daniel**, na “vida prática, uma pastora mais do que um complemento do ministério do marido” (grifo nosso, p.16).

Entretanto, de acordo com Castelhana (2003, p.61), a atuação de Frida não corresponde à das demais mulheres de sua denominação religiosa, principalmente nas regiões do Norte e do Nordeste. Para ela, isso se justifica pelo imaginário social da época, que não permitiu que os líderes dessas regiões se abrissem à questão do ministério feminino e que fez com que eles lutassem contra “o modelo eclesiástico

<sup>42</sup> Sobre essa visão, verificar principalmente: CASTELHANO (2005, p.68) e ALENCAR (2010).

que se configurava a partir da liderança exercida por Frida Vingren” (ALENCAR, 2010).

As atividades de Frida eram incentivadas pelo marido, devido ao notório talento. Tal talento também era respeitado até mesmo por aqueles que criticavam sua forte presença no jornal, devido ao seu trabalho e preparo (BERG, 1987, p.34).

Frida se destacava também em outras áreas. Na igreja do bairro de São Cristóvão, ela dirigia cultos na ausência do marido por questão da enfermidade do mesmo. Também dirigia cultos ao ar livre em praças públicas no Rio de Janeiro e, concomitantemente, ministrava estudos bíblicos.

Contudo, quando Vingren ficou doente e veio a falecer, Frida perdeu sua influência. Assim, a igreja ficou sob o comando dos brasileiros, a partir de 1930 (ALENCAR, 2010, p.59,60).

A forma como Frida Vingren perdeu ainda mais sua força com a morte de seu marido em 1935 evidencia que de fato ela só conseguiu respaldo na sua instituição mediante o apoio de uma liderança masculina. Isso demonstra como o papel vivenciado pelas mulheres ao longo dos anos manifestou dificuldades em ser respaldado, por causa de uma sociedade pouco favorável ao fato de uma mulher ocupar uma posição de destaque. Sobre a morte de Frida, Castelhana (2005, p.13) afirma que:

Frida morreu só, asilada, desconhecida, sendo enterrada como indigente. Depois da Convenção de 1930, missionários brasileiros fizeram com que se esvaísse o trabalho feminino na Igreja. Embora existam várias mulheres ordenadas ao diaconato e ao trabalho de missão, ainda persiste na AD a visão masculina da história da Igreja e reducionista das potencialidades do ministério feminino. Para Elienai Castellano, “a AD no Brasil ainda é devedora de uma discussão mais aprofundada e imparcial dessa temática”.

A morte de Frida revela como o androcentrismo dessa igreja ainda é algo muito arraigado, uma vez que apenas com a força atuante de seu marido ela conseguiu exercer influência no seio dessa instituição.

Portanto, é papel dos autores da hermenêutica feminista e daqueles que utilizam o gênero enquanto categoria de análise observar que a conduta feminina por ele exigida é uma construção social.

Sobre o gênero enquanto categoria de análise, Joan Scott (1990) é quem melhor observa esta visão da mulher como sendo construída pela sociedade e que se volta para a relação entre os sexos.

De acordo com Rosado Nunes (2005, p. 363) um dos principais objetivos dos estudos de gênero é desconstruir o preconceito de que a biologia determina o feminino, enquanto que, por outro lado, a cultura ou a dimensão humana seria uma criação masculina. Complementando esse pensamento, repete-se aqui, o que Beauvoir afirma, ao pensar sobre isso, destacando que “Não se nasce mulher, torna-se mulher.”

É essa visão da mulher, enquanto submissa, que perpassa a mentalidade de alguns líderes religiosos que não estão abertos às mudanças da igreja, que não dão espaço à presença dela em papéis de destaque. Contudo, após o exemplar caso de Frida Vingren, surgiram algumas mulheres que conseguiram destaque na instituição e é sobre essas mulheres que focaremos nossa análise.

### 3.3.1 Ordenação da mulher: novos debates, novas convenções

O tema da ordenação da mulher na IEAD, segundo relatos de estudiosos<sup>43</sup>, voltou a ser discutido em mais duas convenções, a de 1983 e a de 2001, e mais uma vez a proposta de a mulher ter o mesmo privilegio eclesiástico que os homens foi rejeitada por votação esmagadora, como destaca Berg (1987). Portanto, na Convenção de 1983, Daniel Berg (1987) dá o destaque necessário para comprovar a decisão concernente à participação de mulheres no ministério:

A mulher cristã, quando separada para o trabalho missionário, pode portar documento comprobatório como missionária, mas não como ministro do Evangelho, seja como evangelista ou como pastor, isso porque não concordamos com qualquer tipo de consagração de mulheres, por não encontrarmos base bíblica para isso (BERG, 1987, p. 491).

---

<sup>43</sup> Daniel (2004); Castelhana (2005) e Alencar (2010).

É interessante notar que essa submissão da mulher tem muita influência da mariologia tradicional, já que, de acordo com Deifelt (2003), apesar de não cultivar a devoção a Maria, a tradição protestante considera a mesma como modelo moral.

A cultura brasileira foi formada pelo imaginário feminino do judaísmo e do cristianismo onde o catolicismo se apropriou da mariologia tradicional e buscou formar o imaginário feminino a partir da moral proposta por essa teologia (FORTE, 1991).

As mulheres obtiveram a oportunidade de serem consagradas a diaconisas e, no máximo, missionárias. Essa última função foi reconhecida na convenção de 1983, com a ressalva de não ser uma função compatível com os cargos de ministro, reservados aos homens, que poderiam ser evangelistas e pastores.

Outro movimento paralelo e que seguiu outra direção foi o da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil Madureira – CONAMAD, que se desligou da CGADB no ano de 1989 na convenção extraordinária daquele ano, seguindo caminhos doutrinários levemente diferentes da CGADB.

Uma das áreas em que a CONAMAD buscou agir de forma diferente em suas Assembleias foi a ordenação de mulheres ao cargo de Pastora, permitindo que as mulheres tivessem as mesmas prerrogativas que os homens na instituição. Mas as mulheres não ocupam ainda posição expressiva na estrutura governamental da igreja. Não há evidências documentais que comprovem a participação de alguma mulher na mesa diretora nacional.

A ordenação de mulheres na IEAD do Brasil teve sua gênese no dia 23 de abril de 2005, em uma cruzada evangelística organizada pela CONAMAD com mais de 300 mil espectadores, em um evento realizado na cidade de Paulínia, no estado de São Paulo, em um lugar informal e não convencional para esse tipo de cerimônia.

Estava presente o Bispo Manoel Ferreira, presidente vitalício da CONAMAD, juntamente com seu filho, o primeiro vice-presidente Rev. Samuel Ferreira de Cássio, também presidente, naquele período, do campo de Campinas São Paulo, hoje presidente do Brás SP, entre outros presidentes de campos. Na oração em que consagrava o esposo da cantora Cassiane, o evangelista Jairinho ao pastorado, o Rev. Samuel, diz estar sentindo ordem de Deus para consagrar sua esposa ao ministério pastoral e assim o fez.

Essa situação nos faz refletir como esse ato do Reverendo foi legitimado pelo grande número de pessoas ali presentes que admiram o trabalho da cantora gospel,



como também pela suposta revelação do Espírito Santo, tão forte entre os pentecostais e neopentecostais, tornando o ato marcante para os que estavam presentes.

Cassiane tem uma trajetória como uma das maiores cantoras gospel do Brasil. Ela foi consagrada como missionária, seis anos antes da sua ordenação ao pastorado, e também foi pioneira ao ser a missionária mais jovem da Assembleia de Deus de Madureira<sup>44</sup>.

A consagração de Cassiane ao pastorado abriu portas para outras mulheres de várias partes do Brasil, com relevantes serviços prestados a IEAD, algumas delas já estando à frente de congregações da IEAD. Portanto, a partir dessa abertura não convencional, foram legitimadas em suas funções pastorais, com a consagração ao pastorado.

A CGADB, não reconheceu a atitude da CONAMAD, e nem por isso esta retrocedeu em suas decisões. Pelo contrário, continuou ampliando e reconhecendo nas esposas de alguns pastores presidentes e em outras mulheres comprometidas com a IEAD ligada a CONAMAD, o ministério pastoral, levando-as a ordenação. Abriu, assim, precedente para novos modelos de legitimação do papel da mulher na IEAD:

Depois da cantora Cassiane ser a 1ª pastora consagrada na CONAMAD (Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil) pelo Bispo Manoel Ferreira. Agora a CONAMAD consagra a missionária Irene da Silva Ferreira, esposa do Bispo Manoel Ferreira presidente vitalício da CONAMAD.<sup>45</sup>

Dessa forma, a IEAD - CONAMAD dá um passo a mais em seu reconhecimento do papel feminino na igreja, através de seu presidente vitalício, o Bispo Manoel Ferreira, essa igreja se inspirou também nos exemplos das igrejas neopentecostais modernas do Brasil, como destacam alguns estudiosos<sup>46</sup>. Ampliou

---

<sup>44</sup> Texto extraído do site: [http://www.webletras.com.br/artigos/cassiane\\_83](http://www.webletras.com.br/artigos/cassiane_83) no dia 21 de março de 2011 às 11h03.

<sup>45</sup> Texto extraído do site: <http://www.iead-pvh.com/portal/modules/news/article.php?storyid=2170> no dia 12 de abril de 2011 às 11h03.

<sup>46</sup> Entre os estudiosos que tem demonstrado os caminhos desse movimento religioso no Brasil destacamos aqui: Mariano (1999), Campos (1997), Machado (1996), Pieratt (1993), Siepierski (1997).

a escala hierárquica para o episcopado feminino na CONAMAD, ficando, porém, exclusivamente nessa ordenação, diferenciando assim o poder entre os pastores presidentes de campo e o casal de Bispos presidentes vitalício da CONAMAD.

Enfim, os estudos das mulheres da IEAD, como em outras instituições, possuem várias nuances, uma vez que não há um consenso entre os líderes assembleianos. Contudo, são inegáveis os avanços que esta instituição vem realizando, no decorrer dos anos, a partir dos novos debates e nítidas mudanças de mentalidade, frutos da sociedade em que ela está inserida.

### 3.4 A TEOLOGIA PENTECOSTAL: UMA VISÃO GERAL

Após apresentarmos um estudo sobre a história da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, observando suas origens e expansão e de termos analisado essa instituição enquanto parte de um movimento pentecostal e como compartilhadora de suas principais características, fechamos esta dissertação observando a base teológica da IEAD a partir de um estudo pautado em autores que se voltaram para essa temática em teses e dissertações.

A importância de realizar este estudo para fechar o presente trabalho se deve ao fato de que pouquíssimos autores se dedicaram à análise da base teológica da IEAD. Comenta-se muito sobre a interpretação literal da Bíblia e a maneira com que, nessa instituição, a revelação movia o seu cotidiano, porém não houve um aprofundamento das influências teológicas que determinaram o misto de reflexões que ela tem hoje.

Cem anos se passaram, mas a IEAD, apesar de algumas divisões sofridas no decorrer desses anos, possui uma identidade própria que marca toda essa trajetória e que se baseia em movimentos anteriores, dos quais foi retirados seu arcabouço teológico diverso.

Sabendo disso, buscou-se por uma reflexão sobre os movimentos que apresentam em sua teologia similaridades com a IEAD. Por isso, neste estudo, revisitamos alguns deles a partir de um estudo pautado na história do cristianismo que buscou nuances que ora se aproximavam ora se afastavam do que a IEAD é atualmente.

Considerando como base teológica do movimento pentecostal e especificamente da IEAD a ideia de batismo no Espírito Santo e de manifestações glossolálicas, abordamos alguns movimentos religiosos que muito antes desses movimentos fundamentaram teologicamente sua fé nessas práticas.

Assim, iniciamos observando como Parham foi fundamental para que o movimento pentecostal tivesse essa base teológica, uma vez que ele se reuniu com um grupo de oração para estudar o livro de Atos dos Apóstolos, e esse momento é considerado um marco para o início do pentecostalismo. Já que estamos tratando de teologia, pode-se considerar que essas reflexões formaram a base do conteúdo que estaria envolvidos nos discursos de pastores e leigos que viriam posteriormente e que a pela oralidade propagariam as ideias que foram frutos desse momento reflexivo.

Contudo, em nossa abordagem, fomos além de Parham e buscamos observar movimentos que antes dele tinham um ideal de vida próximo ao do que seria propagado pelo pentecostalismo. Entre eles, identificamos no montanismo e no monasticismo exemplos de movimento que buscavam respectivamente o distanciamento do mundo e a busca por uma profunda espiritualidade a partir de uma vida pautada em orações e jejum.

Tal identificação serve para que não incorramos no erro de considerarmos toda a base teológica da IEAD como sendo única e exclusiva e observarmos ainda como pessoas fundamentadas no evangelho buscaram ter um estilo de vida próximo daquilo que entendiam como vontade divina.

Diante disso, a ideia de não se envolver com as coisas do mundo, tão propagada no discurso dos assembleianos, que buscam no seu cotidiano se afastar de coisas consideradas pecaminosas, faz parte da base teológica de outros movimentos anteriores que, mesmo de maneira diferente, seguiram uma linha de raciocínio que se aproxima da linha da IEAD.

Outro movimento na base da postura da IEAD foi o pietista, pois trazia em sua carga teológica uma moralidade que ia determinar vestimentas, alimentação e a busca pela missão. Todos esses pontos são compartilhados pela IEAD e fazem parte de uma chave de interpretação teológica da Bíblia presente nos discursos dos pastores, que foram influenciados no decorrer dos anos a partir da oralidade e do conhecimento que foi repassado pelos seus fundadores.

Como base teológica que forma o discurso da IEAD, mencionamos ainda o metodismo, considerando que veio da Inglaterra para os Estados Unidos e que os assembleianos derivaram seu pensamento dessa teologia norte-americana, bebendo indiretamente do metodismo em suas reflexões teológicas.

Entre as principais características que aproximam a IEAD desse movimento anterior, algumas dizem respeito ao ideal de santidade tão propagado por ambas as denominações e que serviu de base para vários grupos como os batistas e presbiterianos, fundamentando posturas fundamentalistas.

Considerando que a IEAD não tem histórico teológico próprio, é preciso que observemos que correntes de pensamento influenciaram sua teologia para compreendermos como ela adotou certas práticas que baseiam sua teologia até os dias atuais.

Como pilares da sua formação teológica, observamos a salvação, a cura, o batismo no espírito santo e a segunda vinda de Jesus. Assim, esses são basilares e utilizados frequentemente no discurso dos pastores que chama a atenção das pessoas para a necessidade da conversão para a salvação, da cura proporcionada por Jesus, do batismo no Espírito Santo e para o discurso escatológico que afirma constantemente nas Igrejas a vinda de Jesus e que faz com que os crentes estejam sempre apreensivos em sua conduta moral para que não se desviem.

Teologicamente, há a necessidade ainda de apontar em que mudou a postura da IEAD no decorrer dos anos. Observando as dissertações e teses sobre alguns casos específicos, percebemos que a rígida moralização dessa Igreja tem se tornado mais amena em algumas de suas dissidências.

Contudo, os quatro pilares que fundamentam sua teologia continuam sendo pregados, mas de forma que passa a atingir maior número de fiéis através da mídia, como já vimos no capítulo anterior. Diante disso, teologicamente há práticas que permanecem, mas abrangem maior número de indivíduos e há uma menor rigidez frente ao tipo de vestimenta utilizada pelas pessoas que aderem à igreja.

É válido ressaltar que, apesar da ampliação permitida pela mídia, muitas igrejas permanecem com práticas orientadas pelos seus primeiros fundadores que se preocupavam com a mudança da vestimenta das pessoas após a sua conversão.

Um ponto inserido na teologia pentecostal, influenciado pelo neopentecostalismo, é a prosperidade, advinda do calvinismo que propaga que o fiel que se voltar para o Evangelho alcançará vitórias em várias áreas de sua vida.

Assim, a cura milagrosa adquire uma nova interpretação por parte dos assembleianos que antes se voltavam apenas para o sofrimento e a espera da vinda gloriosa de Jesus.

Além disso, a ênfase nas curas divinas, nos exorcismos e no ataque aos cultos afro-brasileiros são práticas que cada dia são reforçadas no seio dessas instituições. Como base teológica tem-se uma interpretação dos evangelhos que vê como demônio tudo aquilo que é diferente do que é orientado na Bíblia.

A Bíblia é constantemente evocada pelos crentes, a fim de buscar convencer as pessoas sobre a sua própria fé. Assim, toda vez que se faz um apelo a alguém, há constantes citações de versículos que se reportam à mudança de vida e se contrapõem à identidade de outros grupos.

É válido destacar que mesmo a Bíblia sendo legitimadora, na leitura assembleiana, de um comportamento feminino submisso a partir deste trabalho e de outros que já se reportaram a essa abordagem, há uma relativização deste conteúdo, pois as mulheres passaram, no decorrer dos anos a desempenhar funções no seio da igreja que, anteriormente, só cabiam aos homens, mesmo contrariando a muitos indivíduos que discordam de tais releituras.

No geral pode-se observar, a partir deste capítulo, cosmovisões basilares que contribuíram para a estrutura de pensamento da teologia da IEAD, entre os quais podem ser destacados os montanistas, os metodistas e os pietistas. Além disso, a marca da oralidade e da interpretação literal da bíblia fundamenta os seus discursos, de modo que aquilo que é propagado pelos pastores torna-se regra para os demais devido à ausência de um histórico teológico dessa denominação religiosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus foi aqui analisada a partir da busca por suas raízes teológicas. Para tanto, de início foi de fundamental importância conhecer sua origem e expansão, trazendo à tona o vigor missionário presente naquelas pessoas que deixavam os lugares onde residiam para propagar o evangelho e fazer com que novas pessoas fossem salvas. Posteriormente, se fez importante, para compreendermos a base desse movimento, ver o que seria o movimento pentecostal, visto que a ênfase maior dos missionários da IEAD está totalmente relacionada a esse grupo mais amplo. Em seguida, não nos limitando a uma análise da história da IEAD e do pentecostalismo, buscamos as suas raízes teológicas, trabalho este bastante complexo, pois não existem compêndios que podemos utilizar, mas apenas oralidade que agregou elementos de várias denominações religiosas.

A maneira com que a IEAD penetrou em cada lugar do Brasil e a forma com que as pessoas que paulatinamente se ligavam a esse movimento se engajavam nas missões e eram batizadas no Espírito Santo, nos fez compreender o sentimento de identidade daqueles que, no discurso pentecostal, já não eram mais do mundo, mas esperavam a segunda vinda de Jesus.

Tal sentimento incomodava os católicos fervorosos, acusados de serem adoradores do Deus da Cruz e de santos que, na ótica pentecostal, não tinham poder de realizar os pedidos das pessoas. O incômodo dos católicos em relação a esses missionários foi narrado pela literatura assembleiana, que enfatizou principalmente a figura dos párcos, que certamente estavam inconformados com a perda de alguns fieis e pela disputa do campo religioso.

Tal estudo foi importante também por nos levar a compreender que tais missões não se deram da mesma forma nos vários lugares do país, pois nos grandes centros trabalharam pessoalmente os que estiveram na gênese do movimento, certamente pela capacidade de persuasão e legitimidade carismática própria daqueles que originaram uma denominação religiosa que rapidamente se expandiu por todo Brasil.

Concomitantemente, observa-se como essa missão tinha um propósito completamente diferente em outras regiões, visto que algumas delas foram lideradas

por missionários preocupados em fazer com que sua família se convertesse e assim, aproveitando-se dessa presença fundaram igrejas e apoiaram outras pessoas que passaram a se interessar pela mensagem pentecostal.

Mudança de vida, milagre, cura, libertação dos pecados, certamente foram palavras chaves que fizeram com que muitas pessoas se envolvessem com esse discurso gerador de identidade para muitos indivíduos, que na busca por dias melhores e por mudança de vida se converteram em massa a essa nova realidade de vida, a fim de atingir a salvação prometida na mensagem escatológica do evangelho e um afastamento daquilo que para eles era coisas do mundo.

Além disso, a valorização do crente, que podia ser pregador e missionário mesmo não dispendo de estudo, fez com que as pessoas se sentissem importantes na igreja e pudessem com isso rapidamente buscar uma mudança radical de comportamento.

Assim, o fiel paulatinamente escutava o discurso do pastor e lia a Bíblia de acordo com aquilo que lhe era transmitido por ele e, assim, propagava o evangelho de acordo com o que tinha ouvido e formava novos discípulos que passavam a aderir a esse novo comportamento e se sentir incluídos no grupo como em uma nova família.

Esta análise hermenêutica deste início e expansão da IEAD no Brasil nos fez compreender ainda a importância da distribuição de folhetos e Novos Testamentos como recursos simbólicos da igreja.

Além disso, como este capítulo busca trazer sua história, finalizamos com sua principal divisão e as diferenças existentes nos grupos que pertencem ao Ministério Madureira e ao Ministério Missão a fim de compreendermos a causa desse acontecimento, como ele se deu e o que isso implicou para a instituição, pois o acontecimento foi determinante para que pudessem acontecer outras divisões.

Contudo, não basta olharmos apenas para a IEAD, pois toda a base de seu discurso faz parte de um discurso mais amplo que se iniciou nos Estados Unidos a partir do Movimento Pentecostal. Observamos a raiz dessa palavra e como ela traz consigo a ênfase na figura do Espírito Santo, já que o Batismo no Espírito Santo é a base de todas as denominações que surgem a partir desse grande movimento

Assim, observarmos a IEAD como aquela que, para Freston, fez parte do pentecostalismo clássico, observando-a dentro de um movimento mais amplo que tem similaridades, mas também diferenças radicais.

Ao observarmos as fases do pentecostalismo, conseguimos perceber que a própria IEAD também mudou por causa de influências que a aproximaram do neopentecostalismo, como a utilização do recurso midiático e também e a ênfase no discurso da prosperidade, certamente pelo sucesso que têm tido estes recursos e pela tentativa dessa igreja de se adequar aos novos contextos.

Contudo, antes de atentarmos para as mudanças que a IEAD sofreu e as influências do neopentecostalismo sobre seu discurso, observamos como cada denominação que pertence a esse grande movimento compartilha grande parte dos pensamentos existentes na IEAD como sua maior base, ou seja, a ênfase na alegria do culto, na mudança de vida e nos milagres, que fazem parte de toda pregação pentecostal.

Observando o pentecostalismo como um todo, percebemos ainda que o a abordagem devocional da Bíblia e a sua espiritualização não são uma prática peculiar da IEAD, mas compõem todo o movimento pentecostal. Portanto, percebemos IEAD em um contexto mais amplo, como parte de um movimento de cuja realidade se aproxima consideravelmente.

A passividade observada no discurso da IEAD ao adentrar as regiões em situação mais caótica e com desigualdades gritantes também não é algo exclusivo dessa denominação religiosa, pois o movimento pentecostal como um todo se utiliza da pregação escatológica como base de seus discursos.

Conhecermos as tipificações do pentecostalismo e a base de sua hermenêutica também fez com que observássemos a IEAD em um movimento mais completo que sofreu modificações no decorrer dos anos, causando rupturas no seio da IEAD e de outras instituições a partir do momento em que elas passaram a pensar em novas estratégias para atingir mais pessoas ou trouxeram divergências teológicas.

Após observarmos a IEAD nesse contexto maior, percebemos que, paulatinamente, passamos a compreender hermeneuticamente a sua história. Contudo, só podemos conhecer a base do seu pensamento a partir de uma observação das raízes de sua teologia. A necessidade de buscar as raízes desse pensamento teológico se dá pela ausência de uma teologia própria e pela forma como ela vai incorporando elementos de várias denominações religiosas até adquirir uma identidade própria, que é passada para os que resolvem se tornar membros, a



partir da oralidade e de estudos de pastores que passaram a escrever apologeticamente sobre o assunto.

Como vimos, pouquíssimos autores se dedicaram à análise da base teológica da IEAD, pois grande parte deles se limita a abordar a interpretação literal da Bíblia, ou seja, a forma com que os religiosos adotam uma leitura concordista, pouco preocupada em contextualização e a maneira com que essa leitura, feita aleatoriamente, era tida como revelação divina na vida dos crentes, ou seja, a única preocupação era em mostrar o que Deus estava falando naquele dia com aqueles indivíduos a partir daquela palavra.

Após cem anos de existência, alguns estudiosos chamam a atenção para a maneira com que a IEAD, apesar de algumas divisões sofridas no decorrer desses anos, possui uma identidade particular que marca sua trajetória e que, como vimos, é extraída de um arcabouço teológico misto.

No capítulo três, buscamos entender o caráter diverso do arcabouço teológico da IEAD e, assim, identificar movimentos que apresentam em sua teologia similaridades com a IEAD, a partir de um olhar para a história do cristianismo que buscou nuances que contêm distanciamentos e aproximações com a mesma.

Como a ideia de batismo no Espírito Santo e as manifestações glossolálicas estão constantemente presentes nessa denominação religiosa, voltamo-nos primeiramente para Parham por considerá-lo como crucial no movimento pentecostal, já que estudou cautelosamente Atos 2 e é a partir dessa rica análise teológica que deu-se a propagação através da oralidade do que seriam as manifestações glossolálicas.

No entanto, mesmo reconhecendo a importância dessa base teológica oferecida por Parham, buscamos em outros movimentos algumas aproximações do que atualmente é a base do discurso não apenas da IEAD, mas do pentecostalismo como um todo, a fim de descobrirmos outras reflexões que provavelmente representaram fortes contribuições para a gênese desse movimento, que se propagou a partir da oralidade. Ao fazermos isso, constatamos como o montanismo e o monasticismo são considerados como exemplos de movimentos que buscavam o distanciamento do mundo e a busca por uma profunda espiritualidade e uma vida pautada em orações e jejum. É fato que o ascetismo religioso que impede alguns religiosos até mesmo de trabalharem foi algo que diferenciou o comportamento

pentecostal, mas certamente eles embasaram sua teologia nessa visão de mundo com o discurso que deveriam estar no mundo, mas não ser do mundo.

Posteriormente, pudemos identificar ainda como movimento basilar da teologia da IEAD o pietismo, visto que a moralidade percebida pelo modo particular de ter uma preocupação com vestimenta, alimentação e busca pela missão são próprios desse movimento a partir de suas lideranças que se utilizaram da oralidade para repassar tais condutas para os mais simples fieis sem permitir que eles conhecessem de onde vem e fazendo com que a concebessem como algo novo e inspirado por Deus.

O metodismo também foi mencionado como fonte importante dessa teologia, visto que veio da Inglaterra para os Estados Unidos, local de onde os assembleianos tiraram toda sua base teológica mediante o pensamento teológico do movimento pentecostal.

O ideal de santidade, fortemente presente no discurso metodista influenciou não apenas os pentecostais, mas também os grupos mais tradicionais como batistas e presbiterianos.

A importância de nos reportarmos a movimentos tão distantes se deu pela ausência de histórico teológico da IEAD que se expandiu paulatinamente no Brasil e que tem este caráter misto tão peculiar.

São pilares da sua formação teológica a salvação, a cura, o batismo no espírito santo e a segunda vinda de Jesus. Eles podem ser encontrados em alguns discursos dos pastores que, mesmo dando-lhes uma nova roupagem, se voltam constantemente para esses temas tão importantes para a instituição.

As mudanças presentes na IEAD em contraposição à rígida moralização do seu início também foram apontadas neste trabalho, observando que houve uma nova leitura frente à base teológica da Igreja. Contudo, tivemos o cuidado de observar que estas ocorreram entre aquelas igrejas que foram dissidentes e romperam com algumas tradições.

Mesmo diante de tais rompimentos, foi observado que os quatro pilares formam ainda a base da pregação dos pastores até os dias atuais, pois eles são a base fundamental do pensamento teológico da instituição, que cresce cada vez mais no decorrer dos anos, principalmente a partir da utilização da mídia nos dias atuais.

A teologia da IEAD vai inserindo paulatinamente o discurso calvinista da prosperidade dos crentes que dela fazem parte, trazendo uma nova roupagem nos dias atuais.

São pontos bastante enfocados ainda as curas divinas, exorcismos e também o ataque aos cultos afro-brasileiros, o que faz com que haja uma negação da identidade religiosa do outro, a partir do que a Bíblia afirma, na perspectiva literal por eles adotada.

O enfoque na Bíblia a partir de versículos memorizados por pastores a fim de fundamentar seu discurso faz com que ela seja vista como algo que deve ser atualizado constantemente. Ela serve para convencer as pessoas de sua própria fé e tentar persuadir mais pessoas a se tornarem adeptos desta denominação religiosa.

Apesar da Bíblia trazer uma legitimação da censura do comportamento feminino fazendo delas pessoas submissas, há uma relativização desse conteúdo por parte de alguns pastores mais abertos à possibilidade de atuação das mulheres em detrimento de religiosos radicais que acreditam que tal atuação deve ser reservada ao público masculino.

Enfim, a partir da presente dissertação temos a oportunidade de conhecermos teologicamente a base do discurso da IEAD, recorrendo às correntes que surgiram no decorrer da história e constituíram a base da construção da sua identidade própria e também da teologia mista que está arraigada nos crentes que a compõem.

Assim, a análise de sua história enquanto movimento pentecostal e das suas raízes teológicas nos dão um aparato para termos uma noção de como, a partir da oralidade, os seus fundadores conseguiram fundamentar com simplicidade o seu conteúdo de modo a sensibilizar os mais marginalizados da sociedade a se conformarem com sua situação socioeconômica e a acreditarem na vinda do Reino de Deus, apesar do discurso da prosperidade ter adentrado a instituição de maneira avassaladora, ainda é possível identificar IEAD com essa formação tradicional.

No geral, trazemos aqui três pilares que contribuem na compreensão dessa denominação religiosa: sua história, sua inserção no contexto do pentecostalismo e os pontos basilares de sua teologia. Essa construção se deu a partir de uma releitura de autores confessionais e de dissertações e teses que revelam as particularidades da instituição em questão, sob um olhar hermenêutico. Tal estudo

requer um aprofundamento maior tendo em vista a relevância e a complexidade da temática aqui proposta.

## REFERÊNCIAS

ALBANO, Fernando. *Dualismo corpo - alma na teologia pentecostal*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

ALENCAR, Gedeon. *Assembleias de Deus - origem, implantação e militância (1911-1946)*. São Paulo: Arte Editorial, 2010.

ALMEIDA, Abraão. *Histórias das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

ALMEIDA, José de Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil*. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião) – Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo, 2007.

ARAÚJO, Isael de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

AUBRÉE, Marion. Religião e violência numa perspectiva transcultural e transnacional. In: PEREIRA, Mabel Salgado, SANTOS, Lyndon (org). *Religião e violência: em tempos de globalização*. São Paulo: Paulinas, 2004.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. *Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: A presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universidade do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERG, Daniel. *O trabalho missionário nos Estados do Norte*. In: VINGREN, Ivar. (trad.). *Departamento apostólico no Brasil: Alguns Missionários*. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. Apud SILVA, Claudio José da. *A doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003

\_\_\_\_\_. *Enviado por Deus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

\_\_\_\_\_. *Perspectiva religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1963.

\_\_\_\_\_; LUCKMANN. Th. *A construção social da realidade*. Petrópolis, R.J: Vozes, 1974.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 1995.7ª impressão.

BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

BLEICHER, J. *Hermenêutica Contemporânea*. Lisboa: Edições 70, 1992.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo: Globalização e o futuro da humanidade*. Rio de Janeiro, Sextante, 2002.

BOICE, James M. *et al. Religião de poder: A igreja sem fidelidade bíblica e sem credibilidade no mundo*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

BONOME, José Roberto. *Fundamentalismo religioso e terrorismo político*. Goiânia: UCG, KELPS, 2009.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada*. Revista USP, n° 67 (set.-nov. 2005), p. 100-115. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>> Acesso em: 10/10/2011.

CAMPOS, Leonildo Silveira. *Teatro, templo e mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal*. Petrópolis e São Paulo: Vozes/Simpósio/UMESP, 1997.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. *Análise sócio-desenvolvimental do crescimento evangélico no Brasil*. Tese (Doutorado em sociologia) – Universidade Nacional de Brasília, Brasília, 2007.

CASTELHANO, E. *Ministério Feminino na Assembleia de Deus: uma análise introdutória de suas possibilidades, limitações e perspectivas*. Ed. Notas e Letras. Juiz de Fora, 2005 (pp.68).

CERTEAU, Michel. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2ª Ed, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus*. Belém: CPAD, 2000.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. *Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CROATTO, Jose Severino. *Hermenêutica Bíblica*. Buenos Aires: Lumen, 1994.

D'AVILA, Edson. *Assembléia de Deus no Brasil e a política: uma leitura a partir do Mensageiro da paz*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, São Bernardo do Campo, 2006.

DANIEL, Silas. *História da convenção das Assembleias de Deus no Brasil*. Os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do Movimento Pentecostal Brasileiro. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DAYTON, Donald W. *Raíces teológicas del pentecostalismo*. Buenos Aires, Nueva Greación/Grand Rapids/William B. Eerdmans Publishing Company, 1991, 163p.

DEIFELT, Wanda. *Maria-uma santa protestante?* RIBLA, Petropolis, v. 46, n. 3, 2003. p. 119-134

DREHER, Martin N. *A crise e a renovação da Igreja no período da reforma*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da Exegese e da Hermenêutica*. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FERNANDES, Rubem César (org). *Novo Nascimento: os evangélicos em casa e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERREIRA, Joel Antonio. *Paulo, Jesus e os marginalizados*. Leitura conflitual do novo testamento. Goiânia: Ed da PUC-GO; Ed América, 2009.

FORTE, Bruno. *Maria, a Mulher Ícone do Mistério*. Ensaio de mariologia simbólico-narrativa. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.

FRESTON, Paul. *Breve História do Pentecostalismo brasileiro*. in: ANTONIAZZI, Alberto. et. al, *Nem Anjos , Nem Demônios, interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*. Campinas: Tese de doutorado em Sociologia – UNICAMP, 1993.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1996.

GODOY, Daniel. *O derramamento do Espírito: fortalecimento dos enfraquecidos*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

GODOY, Daniel. *O derramamento do Espírito: fortalecimento dos enfraquecidos*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2003.

GONDIM, Ricardo. *É proibido: O que a Bíblia permite e a Igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

GREENBERGER, D. e PADESKY, C. A. *A mente vencendo o humor*. Mude como você se sente, mudando o modo como você pensa. Tradução de Andrea Caleffi. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido*. Petrópolis: Vozes, 2008.



HOLLENWEGER, Walter; ANDERSON, Allan H. (orgs.). *Pentecostals after a Century: Global Perspectives on a Movement in Transition*. Sheffield, Sheffield Academic Press, 1999.

LIRA, Ronald Apolinário de. *O espírito sopra onde quer: carisma versus hierarquia numa "Assembléia de Deus Renovada"*. Dissertação (Mestrado em Filosofia e Ciências Humanas) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2008.

LOPES, Deivis Vânio. *A Organização eclesial da Assembléia de Deus em Canoas/RS*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS, Porto Alegre. 2008.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: ANPOCS, 1996.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e teologia pública: o discurso pentecostal no espaço público*. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neo-pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MELLO, Izabel Cristina Veiga. *Uma leitura de gênero a partir das relações de poder no pentecostalismo brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, 2010.

MENDONÇA, Antônio de Gouvêa; VELASQUES Filho, P. *Introdução ao pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Ed. Loyola, 1990.

OLIVA, Alfredo dos Santos; BENATE, Antonio Paulo. *Cem anos de pentecostes: Capítulo da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

OLIVEIRA, José. *Breve história do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

OLIVEIRA, Pedro A. R. *Religiões e dominações de classe: O caso da Romanização. Religião e Sociedade*. Rio de Janeiro: ISER, 1980. número 6.

ORO, Ivo Pedro. *O outro é o demônio*. São Paulo: Paulus, 1996.

OSSA, Manuel *Lo ajeno y lo propio. Identidad pentecostal y trabajo*. Santiago: Rehue, 1991.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jahati. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIERATT, Alan B. *O Evangelho da Prosperidade*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

PLÁCIDO, Reginaldo Leandro. *Na dimensão do espírito: uma leitura do Espírito Santo na teologia pentecostal em interface com a teologia sistemática de Paul Tillich*. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Escola Superior de Teologia – EST, São Leopoldo, 2008.

REIMER, Haroldo. *Pautas Hermenêuticas*. Paper, [s.d.].

REIS, José Carlos. *Nouvelle Histoire e tempo histórico: A contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.

RODRIGUES, Ricardo Gondim. *A Teologia da Missão integral: Aproximação e impedimentos entre Evangélicos e Evangelicais*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Metodista de São Paulo - UMESP, São Bernardo do Campo, 2009.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostais no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Pentecostalismo*. Petrópolis: vozes, 1995.

ROMEIRO, Paulo. *Decepcionados com a graça: esperanças e frustrações no Brasil neopentecostal*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

\_\_\_\_\_. *Supercrentes: o evangelho segundo Kenneth Hagin, Valnice Milhomens e os profetas da prosperidade*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

ROSADO-NUNES, Maria José. *Gênero e religião*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 2, 2005, p. 363-365, maio-agosto 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 07/05/2011.

SANTOS, André Luís dos. *Religião e Política: Socialização e Cultura Política entre a juventude da igreja pentecostal Assembléia de Deus em Porto Alegre – RS*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política), Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2008.

SCOTT, Joan. *Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica*. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Bauru: EDUSC, 1999.

SIEPIERSKI, Paulo D. *Pós-pentecostalismo e política no Brasil*. Estudos Teológicos. São Leopoldo: v. 37, nº 1, pp. 47-61, 1997.

SILVA, Cláudio José da. *A Doutrina dos Usos e Costumes da Assembléia de Deus*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás – UCG, Goiânia, 2003.

SILVA, Igor José Trabuco da. *Meu reino não é deste mundo: A Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972 - 1990)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

SOUSA, Bertone de Oliveira. *Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas – A Assembléia de Deus em Imperatriz – MA (1986-2009)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2010.

SOUZA, Beatriz Muniz de. *Experiência de salvação: Pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STREET, Centenário. *História do avivamento pentecostal*. Los Angeles, EUA: 1906-2006. Rio de Janeiro: CPAD, (2006).

SYNAN, Viso, *O século do Espírito Santo: 100 anos de avivamento pentecostal e carismático*. São Paulo: Editora Vida, 2009.

TERRIN, Aldo Natal. *Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões*. São Paulo, 2004.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Trad. de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.

VATTIMO, Gianni. *Depois da cristandade: por um cristianismo não religioso*. Trad. Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ZABATIERO, Júlio P. Tavares. *Hermenêuticas da Bíblia no mundo evangelical*. In: REIMER Haroldo; SILVA Valmor da (Orgs.) *Hermenêuticas Bíblicas*. Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica. São Leopoldo, Goiânia: Oikos, UCG, 2006, p. 61-87.